

Diário de Lisboa

Número avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

FAZ hoje cem anos que nasceu D. Pedro V. O nascimento do herdeiro do trôno foi objecto de entusiasmo popular. Desenrolava-se então em varios pontos do país a rebelião dos duques da Terceira e do marechal Saldanha, que nesta altura já tinham a causa perdida.

D. Maria II, no seu ultimo periodo de gravidez, assinava os diplomas que lhe apresentavam com chancela; á jovem rainha, que sofrera já alguns enxaibos políticos, eram poupadas certas noticias dos combates militares, favoráveis á sua causa e do seu fiel Sá da Bandeira, mas que mesmo assim a podiam afligir.

O principe nasceu, pois, entre preocupações maternais. A sua infelicidade dir-se-ia que começara antes de nascer.

D. Pedro V foi um rei nobre, gentil, estudioso, bom — e desafortunado. Um principe do pré-romantismo, em cuja alma cresceram cedo as desilusões. A morte da infeliz rainha D. Estefania apressou talvez o seu desaparecimento da terra. Um traço merencório — como o de D. Duarte — caracterizou a sua vida. Foi um rei de lenda, e, a um tempo, um homem de Estado, tanto como um ministro. Basta ler as «Cartas» da sua pena para nelas se admirar a alma e o cerebro.

O seu nome evoca-se hoje com enternecimento. Ha figuras reais da Historia que ficam um pouco como figuras de novela. D. Pedro V foi dessas.

* * *

A MORTE de Guynemer foi agora evocada em França, com o pretexto da passagem do 20.º aniversario da sua queda e morte nas brumas da Flandres. Fôra ferido varias vezes, tinha vinte citações de campanha, e registava cinquenta e três vitórias.

E não contava mais de 23 anos.

Dias depois da sua queda fatal uma esquadrilha alemã, diz-se que comandada pelo aviador que o prostrou para sempre, sobrevoou o terreno onde Guynemer encontrou a morte, e sobre ele lançou flores.

A ultima citação na Ordem do 1.º exercito foi justamente a 16 de setembro. Nas cerimoniaes do dia 11 tombaram parte todo o corpo aereo, sob o comando do proprio general d'Harcourt, e dezenas de esquadrilhas, assistindo o Presidente da Republica, o Governo, e o general de divisão Keller, comandante dos exercitos do Ar.

As esquadrilhas sobrevoaram depois a casa de Compiègne onde nasceu Guynemer, sobre a qual o «heroi criança» tanta vez voou, e onde, á hora da manifestação, os pais do grande aviador, ouvindo os roncões dos potentes aviões modernos, recordavam o fragil aparelho do tempo da guerra, onde seu filho se cobriu de gloria.

Os franceses cultivam o sentimento, como espirito. Guynemer talvez não seja, afinal, mais do que um simbolo.

PONTOS DE HISTORIA

Como foi morto o duque de Viseu

Entre as características duma nacionalidade apontam os tratadistas de direito politico a existencia dum fundo comum de tradições. Realmente, ha em cada povo autonomo um modo de ser especial, produto do temperamento, dos costumes e das influencias locais, que se traduz em factos decisivos para a sua individualização e continuidade.

Mas tradições não são fantasmagorias, exagero ou deturpação de sucessos e qualidades, sob pena de deixarem de constituir um nucleo de recordações gloriosas para se tornarem num amontoado de ridiculas patra-nhas.

Tanto mais quando um país como o nosso não carece de concepções artificiosas ou invenções forçadas adrede, pois sobejam os vestigios da sua maravilhosa penetração em toda a parte e da sua indomável resistencia, como efeitos dum espirito audacioso e duma tenacidade quasi sobrehumana.

Certo é, porém, que a escaldante imaginativa a que, por outro lado, nos levam a ansia do desconhecido e um sentimentalismo piegas, tem desfigurado ou enovelado alguns dos pontos da nossa historia mais chocantes da humana sensibilidade, enfeixando-os de galas, mimos ou facecias, que desvirtuam inteiramente a pureza singela da verdade.

Surge assim a instante necessidade de fazer uma revisão de varios pontos dessa historia, pois, se não lhe acodem depressa, ha periodos a dois passos de nós — todo o periodo do constitucionalismo — em que vão desaparecendo os ultimos vestigios. Ha bibliotecas sonegadas, como as de algumas casas nobres, a dentro ou ás portas da capital, ha documentos por catalogar e classificar, faltam indices bibliograficos com dados seguros sobre a legitimidade das fontes (só escassas tentativas de benemeritos, a breve trecho paralisadas pela falta de condições materiais ou estímulos de qualquer especie).

E, acima de tudo, falta a critica historica, com aquele saber geral cujo esquema foi traçado por Comte ou aquele dom de intuição anterior a todo o saber, falta esta agravada pela deficiente cultura ministrada nas respectivas Faculdades, de preferencia occupadas em preparar novas levas de funcionarios (salvas as excepções da praxe).

De vez em quando lá aparece um investigador consciencioso e profundo — quer um profissional, com um saber de experiencias feito e a clarividencia duma vocação pronunciada, como o eminente professor e nosso velho amigo dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, quer um curioso, com o tal condão natural que supre uma especial preparação, como esse grande medico, que foi um talento omnimodo, Manuel Bento de Sousa, ou esmerilhadores infatigáveis e probos, como Luciano Cordeiro — a derruir os paredões que encobrem algumas das mais formosas arcaarias ou a desfazer as nevoas que toldam os olhos dos profanos.

Um desses pontos, por exemplo, é o da morte do duque de Viseu, altamente significativo, pelo que nos deixa entrever da organização social duma época — dum lado, o estrebuchar dos ultimos privilegios ou quasi feudos da nobreza e, do outro, o aperto unificador do poder central — dos processos de luta — ora torvos e subtilezas, ora desassombrados e rudes — e do caracter dum povo — sempre com as duas facetas, paciente e insofrido, amoroso e vingativo, prudente e destemido até á loucura. Isto é: o porquê, o modo e o significado do cruento e arrepiante sucesso, mixto de grandesa e pequenês, de obscuridade e clareza, de arrojo e covardia, mas revelador dum homem, duma época e da selvática energia duma raça.

Na sua exposição charra e despidida de comentarios, o rei D. João II, na imminencia de succumbir ao punhal dos conspiradores, de que o duque de Viseu, seu primo e cunhado, era a bandeira e o chefe, chamou-o á casa onde se aposentava e ali o apunhalou por suas proprias mãos, trocadas estas breves palavras: «Primo, que fariéis a quem tratara de matar-vos?» perguntou o rei. — «Matava-o eu, primeiro», respondeu o outro — «Vós vos sentenciastes», replicou o rei.

Daí as perturbantes duvidas: Porque se dirigiu o rei de preferencia ao duque, afrontando o estreito laço que os unia, em vez de atingir logo o bispo, que era o verdadeiro dirigente da conspiração?

Foi premeditado o acto de homicidio ou provocou-o alguma resposta desabrida do duque?

Estaria o rei só, quando se dirigiu ao duque, ou acompanhado?

O duque não esboçou nenhum gesto de resistencia, ou a punhalada foi tão fulminante que não lhe deu tempo a reagir?

Qual foi a verdadeira attitude da rainha D. Leonor e do futuro rei D. Manuel?

Foram legitimos o acto e o meio usados por D. João II?

Como resolvê-las? Como se deve resolver qualquer outro ponto de estudo, isto é, com uma escolha escrupulosa das fontes, quer na sua origem quer nos subsidios colhidos posteriormente ou nas simples indicações da análise critica.

Foi o que tentámos fazer — sobre as cronicas de Pina e Rezende, dois empregados do paço (o de é preciso ler o que se vê e ver o que se não lê) e Damião de Gois, mais digno de credito (mas só quanto á attitude de D. Manuel), a relação da viagem de Popplau, notas de Barros Gomes, Arquivo Historico Português, Revista de Guimarães, etc., sem excluir as notas dos modernos historiadores e as apreciações de Camilo.

Mas a resposta fica para outro artigo, que este já vai saindo dos limites convencionais e porventura agravando a impaciencia dos leitores no antegozo duma hora de merecido desafogo, como é aquela em que o jornal entra a circular.

DIAS FERREIRA

RECEBEMOS a seguinte carta, do distinto aviador sr. Antonio Maya:

«Sr. director: — No seu jornal de 14 do corrente, eu li com surpresa um eco em que se chama a attenção do sr. director da Aeronautica para as alturas insignificantes a que aviões militares continuam a voar sobre uma praia coalhada de gente, e admirou-me bastante que tendo sempre o seu jornal revelado sentimentos patrióticos e compreensão do progresso, queira desta vez contribuir para que pilotos militares não se treinem a voar a pequenas alturas, como serão forçados a fazê-lo, se amanhã tiverem de ir defender a nossa Patria dos seus inimigos.

Com esse eco, quis-se, decerto, evitar os perigos que possam advir para o piloto do avião que voar baixo, pois que para quem assiste na praia a esses vôos o perigo não existe. O piloto militar, mesmo em caso de «panne», saberia evitar a aglomeração dos banhistas na Caparica, preferindo pôr em risco a sua vida á daqueles que admiram, confiantes, as suas evoluções.

E a aviação portuguesa já deu disto exemplos, e entre eles o do capitão Ramires, que preferiu uma morte certa contra uma casa, para não aterrar no campo onde poucos curiosos estavam expostos a ser apanhados pelo avião que pilotava.

Deixem, pois, os rapazes continuarem a fazer o seu pé de alferes a alturas insignificantes, pois que isso só poderá contrariar os insignificantes banhistas que não dispõem de coragem para terem asas. — De V., etc., Antonio de Sousa de Maya, (o mais antigo piloto civil português).

Entendemos que, como muito bem diz o sr. Antonio Maya, os pilotos devem treinar-se em vôos a pequena altura, mas discordamos que os locais mais apropriados para tais treinos sejam praia coalhadas de gente. Poucos banhistas terão o sonho de ser esmagados por um avião, mesmo que ele seja pilotado pelo mais corajoso aviador — e temos muitos, felizmente, em Portugal.

Se fizemos uma referencia é porque a considerámos dentro do ambito da nossa função. Tíhamos, de resto, uma informação de fonte oficial, que nos dizia serem tais vôos proibidos.

* * *

DA legação da Italia recebemos um interessante trabalho de Benito Mussolini, traduzido em português. Intitula-se «Testemunhos estrangeiros sobre a guerra italiana de 1915 a 1918», constituindo o prefacio ao livro do general de corpo de Armada Adriano Alberti. O que dá mais valor á obra, sob o ponto de vista de exaltação do valor militar dos italianos, é o facto desses testemunhos serem todos de ilustres soldados alemães e austriacos — os seus inimigos de então.

O que o publico come...

A proposito do artigo que, sob este titulo publicamos no passado dia 13, recebemos a seguinte carta:

Ex.^{ma} Sr. Director:—A local publicada no vosso mui lido jornal, de 13 do corrente, sob a epigrafe *O que o publico come*, crامou a nossa mais particular e merecida atencão, pela justeza dos comentarios desenvolvidos pelo seu signatário.

J. S. tem, de facto razão e, porque assim é, tambem com ele repetimos a sua frase «a fiscalização tem de volver os seus olhos para muitos produtos que o publico consome diariamente».

Refere-se no entanto, o signatário da local em referencia, de uma forma geral, a «tantas fabricas e confeitarias existentes por essa Lisboa e provincia que representam um verdadeiro atentado á saúde publica». Esta afirmação absolutamente verdadeira, pode contudo induzir em erro o publico consumidor; ha pois que fazer-se a diferenciação entre os produtos daquelas «fabricas e confeitarias» a que J. S. se refere a aquelles que são vendidos ao publico por organizações competentes e especializadas no seu fabrico.

A nossa fabrica *Favorita* orgulha-se por poder afirmar desasombradamente que os seus produtos, tanto bolachas e biscoitos, como chocolates, rebugados, drops, etc., não receiam confronto. As materias primas empregadas são sempre da melhor qualidade e as diferentes fases do fabrico são vigiadas por pessoal competentissimo e perfeitamente conhecedor da delicadeza que, nesta industria, é indispensavel imprimir a todos os trabalhos de manipulação e preparação, até ao momento da entrega ao retalhista, para venda ao publico.

Devemos ainda focar a questão «higiene» a que J. S. se refere com indignação mais que justificada.

E' bom que o publico saiba que, na nossa fabrica, o pessoal cujo quantitativo normal anda á volta de 350 pessoas, tem á sua disposição, refeitório, ducho e medico com seu consultório, instalado numa das nossas dependencias. A sua higiene é assegurada de uma forma ininterrupta, não só pela intervenção constante do nosso clinico, como tambem pelos nossos serviços de fiscalização que, em parte, são desempenhados por pessoal cuja missão consiste em velar continuamente pela higiene dos operarios. A todo o nosso pessoal fabril, tanto masculino como feminino, são fornecidos uniformes de trabalho, mantidos sempre absolutamente limpos, usando os operarios bonets, e as operarias toucas especiais que as preservam do contacto das mãos com os cabelos, cuja limpeza, de resto, é constantemente vigiada por pessoal feminino. Enfim, tudo o que diz respeito á higiene do nosso pessoal e oficinas, é por nós olhado com o necessario carinho, podendo portanto o publico adquirir os produtos *Favorita* com a confiança plena de que adquire produtos bons e sãos, na verdadeira aceção da palavra.

Existem, porventura, estes cuidados nas esplanadas a que J. S. se refere? Evidentemente e infelizmente, não existem!

Para terminar, devemos informar que a *Favorita* tem sempre as suas portas abertas para que o publico a visite, bastando para tal que os interessados se dirijam a esta gerencia. E, quanto a V. Ex.^a, muito e muito gratos lhe ficariamos se se dignasse vir pessoalmente ou mandar, á nossa fabrica um dos vossos representantes para, de visu, avaliar da veracidade das afirmações que acabamos de produzir e até, para admirar «a beleza» de algumas das nossas instalações que, podemos garanti-lo, são o melhor que existe em Portugal.

Agradecendo antecipadamente a V. Ex.^a o favor da publicação da presente subscrevemos com muita estima e particular consideração De V. Ex.^a Mt.^o Attos. Venres e Obgdos.—Os gerentes—(a) João de Lancastre Freitas, Mario Aguiar de Pina,

TEMAS COLONIAIS

Lição magistral

Sai da Exposição Historica da Ocupação no Seculo XIX com uma sensação de plenitude intelectual e verdadeira comoção de quem experimenta sincera satisfação.

Porque, em verdade, esse espectáculo inolvidavel tem para os meus olhos de especialista, para a minha formação, um significado que ultrapassa a afirmação, a visão do espectador comum.

Sem falar nos ensinamentos gerais que faculta, uma exposição oferece sempre ocasião para estabelecer contacto com a consciencia colectiva do povo.

Porém, essas verdades essenciaes, que, no caso lusiada, se afirmam por uma historia feita de interrogações e respostas a iluminarem o renascimento e idade moderna, deslumbam de tal forma que não fica espaço para a análise das razões que as determinam.

E entretanto é precisamente dessa critica que pode resultar a melhor consciencia da Nação, a sua mais nítida gloria.

Nenhum país, com efeito—e isto claramente o demonstra a Exposição Historica—parece possuir de maior compreensão e adaptabilidade intelectual; de tal forma que tendo tido necessidade de se amoldar aos mais diversos ambientes, de traficar e fazer vida de relação com as mais desvariadas gentes, sempre alcançou manter—apesar de por vezes haver recorrido á força para salvaguardar o seu prestigio—uma estreita, indissolúvel e universal amizade.

De facto, o sentimento português foi sempre na sua projecção ultramarina profundamente humano, altruista e concorde e não factos que no-lo demonstrem e não palavras!

O factor religioso que temperou em grande parte «o ardor pugnaz lusitano» emprestou á vida moral das novas comunidades que fundámos em Africa e no Oriente um cunho civilizado de activa espiritualidade ocidental que nem por isso destruiu o sentido das realidades locais e o desenvolvimento da livre iniciativa dos novos colonizadores.

Opondo a todas influencias desagregadoras a sua indomavel energia coordenadora, Portugal organiza, mercê do seu espirito e com uma intuição admiravel, as bases indestrutíveis para o seu Imperio Ultramarino.

Afonso de Albuquerque define os

preceitos fundamentais necessarios á manutenção do Imperio Português do Oriente; e, se Portugal não é hoje detentor da imensa India, foi porque não soube corresponder nesse momento ao desafio genial que fazia á sua sagacidade o calunioso capitão «Terrível».

As razões dinásticas que nos privaram do Imperio das Indias deixam de existir no seculo seguinte e resgatando todos os erros do passado Portugal coloniza o Brasil e faz da inospita terra de Santa Cruz um dos maiores impérios dos Tempos Modernos. O Brasil atinge a maioridade, e quando tudo fazia supor que Portugal terminara o seu ciclo na historia da civilização, eis que se lança na mais energica, na mais lucida campanha a favor da civilização colonizando os seus actuais dominios do Ultramar, chancelando com a espada dos seus heróis o seu prestigio de Grande Nação.

Concepções *sui generis* a orientaram de tal forma que o português é hoje falado por mais de 60 milhões de indivíduos, e tão bem scubemos aliar-nos com as raças autoctones que o sabio economista francês Charles Gide pôde escrever com inteira justiça, que: «mais do que a francesa a lingua portuguesa tem possibilidade de vir a ser falada por 300 a 400 milhões de homens».

Para tanto contribuíram poderosamente os grandes viajantes e sertanejos portugueses Serpa Pinto, Silva Porto e tantos, tantos outros, que a Exposição Historica justamente glorifica.

(Seja-me lícito agradecer comovidamente aos organizadores da Exposição a homenagem prestada a meu avô o Conselheiro José Joaquim de Almeida, cujo retrato se acha na mesma sala em que se homenageia Mousinho).

Na hora que passa de energica reacção para um engrandecimento nacional de cada vez maior, a Exposição Historica tem, pode dizer-se, o valor de uma apologia: Por ela ficamos sabendo o que fizemos, por ela adquirimos a certeza do que somos capazes de fazer.

E é tão verdade que o seu poder de persuasão é enorme que a mim mesmo, que sou diplomado com o Curso Superior Colonial, nalguns pontos logrou convencer-me, noutros esclarecer-me.

Esta declaração, que não pode diminuir em nada o prestigio da Escola a que devo a minha formação, demonstra claramente o cuidado e criterio que presidiu á sua organização.

ALVES DE AZEVEDO

As manobras alemãs

BERLIM, 16.—O ministro da Guerra marechal von Blomberg, convidou as seguintes personalidades militares estrangeiras a assistir ás manobras do exercito alemão: Ingleses, feld marechal sir Deverell, chefe do Estado Maior do Imperio e marechal do Ar sir Arthur Longmore; general sir D. E. Ironsile e outros oficiais; italianas, marechal Badoglio, chefe do Estado Maior; general Priani, secretario do Estado; almirante Cavagliari, chefe do Estado Maior da Armada e outros chefes militares; húngaras, generais Roeder, Vitis Sonyl e Vites von Hatz. Os adidos militares não serão convidados.—(Americana).

Festival de beneficencia

Continuam hoje á noite os festivais na esplanada da Sociedade «A Voz do Operario» a favor das suas escolas, com um grandioso programa que consta de fados por Francisco dos Santos e Frutuoso França e da apresentação dos engraçados palhaços Pepy, Parrot e Armin.

Nos intervalos do espectáculo haverá baile, abrilhantado pela orquestra «Petrus-jazz».

O dia religioso

AMANHÃ, 17.—As Chagas de S. Francisco.

Lausperene, sai da capela paroquial do Santo Condestavel para a igreja de Santo Antonio da Sé.

Paroquial do Santo Condestavel, ás 11 e 30, missa solene da reposição do Lausperene, ladainha e benção.

Santo Antonio da Sé, ás 11 e 30, missa solene; ás 18 e 30, terço de benditos.

Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

NOTICIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

O «Cantador de Buarcos»

FIGUEIRA DA FOZ, 16.—Foi exposto no salão nobre dos Paços do Concelho, um belo e artistico quadro, «O Cantador de Buarcos», de João Reis que, ha dois anos, soube colher, para a tela, numa verdadeira inspiração, um assunto muito interessante, cujo trabalho recebeu uma menção honrosa, do «Salon des Artistes Français», que constituiu uma justa consagração.

O illustre artista João Reis, que com a sua arte tem sabido honrar o glorioso nome de seu pai sr. Carlos Reis, conta já hoje muitos trabalhos de subido valor.

A exposição abre amanhã oficialmente ao publico, ás 16 horas, fechando ás 19, e conservando-se aberta alguns dias durante as mesmas horas.

O director do Museu Municipal «Dr. Santos Rocha», sr. dr. José Salinas Calado, que obteve do sr. presidente da Camara autorização para que o valioso quadro fôsse exposto, está empregando os seus melhores esforços junto daquela entidade, para que o referido quadro seja adquirido para o mesmo museu, valorizando assim a colecção artistica ali existente.

Arquitecto Faria da Costa

Encontra-se ha dias, nesta cidade, o distinto artista e architecto sr. Faria da Costa, que ha pouco concluiu, com elevada classificação, em Paris, o curso de architecto-urbanista, tendo apresentado com tese um valioso trabalho da urbanização geral da cidade da Figueira da Foz.

Sobre tão importante trabalho que ontem foi apresentado na Camara Municipal e apreciado por algumas pessoas de categoria para tal fim convidadas—conta o notavel artista vir a esta cidade no proximo mês de outubro fazer uma conferencia que se realizará, possivelmente, na Camara ou na Associação Commercial.

Um novo contrato colectivo de trabalho

Embora não integrada no programa comemorativo da passagem do 4.^o anniversario da publicação do Estatuto do Trabalho Nacional, realizou-se hoje pelas 11 horas, uma reunião conjunta das direcções do Gremio dos Importadores e Armazenistas de Bacalhau e Arroz e do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa, que se prolongou pela tarde adiante. Foram aprovadas definitivamente as clausulas do contrato colectivo de trabalho que, no proximo dia 21 á noite, e num dos maiores salões de Lisboa, será assinado.

No dia 23, será o contrato assinado no Porto. Para o acto que se realiza em Lisboa, foram já convidados, além de varias entidades officiais, todos os organismos corporativos, a «Legião», a «Mocidade Portuguesa», etc.

A reunião de hoje presidiu o sr. Elisio Pereira do Vale, e assistiram os srs. dr. Fernando Homem Cristo, delegado do Governo junto do Gremio; Antonio Acacio Pinto de Almeida, Aires Augusto de Oliveira, Eugenio Moreira Rodrigues e Alberto da Cunha e Silva, componentes da direcção do Gremio; e Horacio Gonçalves, Henrique Filipe de Vasconcelos, Carlos Cruz Costa, Silverio Matos de Carvalho e Marcelino da Silva, da direcção do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa.

«Guia Profissional Telefonica»

Do dr. J. Corte Real, com escritórios na rua do Ouro, 140, em Lisboa, e na rua Mousinho da Silveira, 72, no Porto, recebemos alguns exemplares da sua excelente «Guia Profissional Telefonica» de assinantes da rede publica de Lisboa e arredores, feita com a cooperação da «The Anglo-Portuguese Telephone Co., Ltd.», e que é um esplendido complemento da lista alfabética.



AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.^o — Telef. 2 3371

Partidas

aos domingos, ás 8 e 15

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINE PORTUGUESA e FRANCESA, LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO, AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc. MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.

Informações. Wagons-lits | Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

ESCOLA VALSASSINA

Internato Semi Internato
Externato

Av. Antonio Augusto Aguiar, 148-Tele. 41035 P.B.X.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato
18 x 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TEL. 4 7063

O rei D. Carlos

e a Exposição Histórica da Ocupação

Com o pedido de publicação, recebemos do sr. marquês de Lavradio a seguinte carta:

«Sr. dr. Joaquim Manso: — Encerrou-se definitivamente a Exposição Histórica da Ocupação, e digo definitivamente porque era com emoção que se visitavam aquelas salas e com orgulho que se olhavam as figuras e documentos que demonstram o valor de um povo que deu e ainda hoje dá lições ao mundo.

Infelizmente também, encerra-se a exposição sem se ter feito o acto de justiça que tantos esperavam e que Julio Costa Pinto reclamou no seu conceituado jornal, colocando el-rei D. Carlos na sala da Ocupação, e tirando-o do canto em que o colocaram olhando o mapa de 1890, do qual nem directa, nem indirectamente, ele foi culpado.

Ninguém hoje deve ignorar que a ocupação da nossa Africa não teria sido possível sem a energia de el-rei D. Carlos. Ele foi o chefe que nos conduziu á vitória, saindo, por vezes, do seu papel de rei constitucional, e arrostando com a má vontade dos políticos e partidos da época, por mais de uma vez impôs a sua vontade e conseguiu levar a cabo a obra que hoje todos admiramos.

Dizem-nos os relatórios de Mousinho, podem affirmá-lo J. Coutinho, J. de Almeida, Paiva Couceiro e outros.

Ninguém pode regatear louvores á iniciativa da exposição, nem ao trabalho da sua realização, mas a História não se faz ao capricho de cada um e é estranhável que se pusessem de parte os reis que como D. João I, D. Duarte os reis que como D. João I, D. Duarte de Marrocos, de D. João II e D. Manuel, que não aparecem na sala das navegações, de D. Pedro V que escrevia, quando procuravam impedir-nos a ocupação de Ambriz: «a força opomos a força» e que em 1858 assinava o decreto abolindo a escravatura em todas as possessões portuguesas.

Ao encerrar-se a exposição, permita-me, sr. Director, que deixe consignadas estas observações que propostamente não quis fazer durante o tempo que ela esteve aberta porque não desejava que a minha critica fôsse mal compreendida e pudesse de alguma forma contribuir para discussões que porventura fôsssem prejudiciais.

Pela publicação destas linhas se considera grato quem é, De V., etc., Marquês de Lavradio».

Programas de hoje

CONDES
A's 21 e 30
TEL. 22523

MARIA PAPOILA
(em exclusivo)

filme de Leão de Barros, com Mirita Casimiro, Antonio Silva, Dr. Eduardo Fernandes e um tado por Amarante.

ODEON
A's 21 e 30
Telef. 2 6783

VOLGA, VOLGA

Uma espertalhona
com Danielle Darrieux

PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163

Dia 21: Realta extraordinária comemorativa do 10.º aniversário do Odeon.
Validas as habituais concessões

CAPITOLIO
Tel. 27493 A's 21.15

Suzi e a Espla

Procura-se uma mulher
No terraço e no salão

REX
Telef. 2 9656
A's 21 e 15

SANSÃO

A CIDADE PERDIDA
«Canção Nacional»
No Cinema e Salão de Festas

PAVILHÃO
A's 21 e 15

NOS MARES DA CHINA

PORTUGUÊS Os Filhos do Deserto

ROYAL
Telef. 45037
A's 2

FLORES DE NICE

Pulsos de ferro

CASINO
A's 21 e 30

Az dos mergulhadores

Quer a sorte grande?
Nabita-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

Termina no dia 3 de outubro a sua digressão pelo norte do país o Teatro do Povo, cujo director, o actor-comico Francisco Ribeiro (Ribeirinho), tem já contrato firmado para a empresa José Loureiro, do qual tem sido sempre escripturado.

O novo colaborador do escritor portuense Arnaldo Leite é o novel escritor e jornalista, nosso camarada da Imprensa do Porto, Campos Monteiro, ambos autores da nova opereta «O Farol da Boa Nova», cuja protagonista vai ser interpretada por Mirita Casimiro.

Para a opereta «Viúva Alegre» ficaram ontem completos os quadros dos artistas interpretes, dos coros e das bailarinas, ficando estas sob a direcção de Janou.

Regressou da Costa da Caparica, onde esteve veraneando, a actriz Maria Salomé.

A «vedeta» Lina Demol realiza hoje, no Sítio da Bandeira, do Porto, a sua festa artistica com a «première», naquela cidade, da revista «O Cavaquinho» que, segundo nos informam, será também «réprisa» em Lisboa, assim como «Tudo na Lua», com que foi crismada a revista «Sol ao Rato».

A cantatriz Ercilia Costa, logo que termine umas negociações em curso, ingressará no elenco duma companhia de revistas populares.

Está já censurada a revista nova de Lino Ferreira, Fernando Santos e Xavier de Magalhães, «Juizo do ano», que será representada este inverno em Lisboa. Os dois primeiros escriptores concluíram também para a companhia Maria Matos a comedia «A nova rica» com que este agrupamento fará a sua entrada, em novembro, no Trindade.

Vêm dos primeiros circos de Paris e de Berlim os celebres trapezistas comicos Irmãos Albaiz, contratados pelo empresario Ricardo Covões para a companhia de circo que, no dia 25, inaugura a temporada do Coliseu, apresentando este profundamente renovado e com grandes melhoramentos na sua vasta sala de espectáculos.

Continuam num nível bastante elevado as receitas que no Republica, do Rio de Janeiro, está fazendo a companhia de Beatriz Costa que, até agora, desde o dia 6 de agosto apenas ali tem representado as revistas «Arre, burro!» e «Estrelas de Portugal», ambas produzindo enorme successo e formidável prestigio para aquela querida «vedeta».

Palmira Bastos, a pedido da melhor sociedade do Porto, da Granja e de Espinho, realiza hoje, no Casino desta vila, o seu segundo recital de canções e poesias.

«O Rancho de Colares» começou ontem a ensaiar o numero «O Cacho Dourado», versos de Silva Tavares e musica de Frederico de

Freitas que, na Festa Vindimaria, sob a regencia do maestro Bernardo Ferreira, será cantado por todos os ranchos, na totalidade de mil vozes.

Está fazendo as suas despedidas no Olimpia Club a famosa artista Matilde Blanco, estilista de tangos e interessante bailarina espanhola.

Por estes dias proximos reabre no Parque Mayer, devidamente restaurado, o Salão Alhambra, com «dancing» e espectáculos de variedades, para o que estão sendo contratados alguns dos melhores artistas no genero.

«O Saltimbanco», no Avenida

Vai estreiar-se amanhã esta peça, tendo como protagonista o grande actor Alves da Cunha

Com a sua arte subtil em que vibra o ritmo de todos os sentimentos, José Alves da Cunha — expoente maximo do teatro português, grande actor e estupendo cinzelador de almas — reaparece amanhã no Avenida, para iniciar, com a peça «O Saltimbanco», a sua temporada de inverno em Lisboa. Aspiration suprema de todo o seu formidável publico, vão ser satisfeitos todos os desejos de que o eminente artista aqui fizesse uma época official. Em «O Saltimbanco» tem o supremo actor uma genial interpretação de arte no papel do desventurado palhaço de feira «O Fala-Sós» e, a seu lado, afirmarão suas altas qualidades de artistas sua esposa, a ilustre actriz Berta de Bivar; sua filha, a novel actrizinha Maria do Pilar Alves da Cunha, e ainda Emilia de Oliveira, Maria Pinto, Maria de Oliveira, Evangelina Correia, Olga Franca, a estreante da noite; Henrique Campos, Jorge Gentil, Manuel Correia, Alfredo Pereira, Eduardo Matos, Manuel Bessa e José Alves.

CARTAZ

TEATROS

Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Chuva de mulheres».

Variedades—A's 20 e 45 e ás 23—«A Senhora da Atalaia».

CINEMAS

Capitolio—A's 21 e 15.
Chiado Férresse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Eden Cinema—R. Alvito—A's 21.
Odéon—As 21 e 15.
Pavilhão Português—A's 21.
Rex—A's 21.
Royal-Cine—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

A AUTO-LUSITANIA



Informa os seus Ex.^{mos} Clientes que reabriu hoje — completamente remodelado — o seu salão de vendas na

Av. da Liberdade, n.º 75-77-79

onde espera receber a sua estimada visita, que antecipadamente agradece; e aproveita o ensejo para cumprir o

agradavel dever de lhes testemunhar a sua enorme gratidão pela costumada assiduidade com que frequentaram durante as obras o seu estabelecimento, embora tivessem, durante 5 meses, o grande inconveniente de subir ao 1.º andar.

A todos se confessa imensamente grata a

AUTO-LUSITANIA

Aos Caçadores

O FACHO — FOZ DO ARELHO

Centro de caça aquática e terrestre de 1.ª ordem. — Preços excecionais para grupos de caçadores. — Excelente serviço de restaurante e bar. — Transporte rapido de camionetes das Caldas á Foz. Aberto até fim de Outubro

Pedidos e informações a Domingos Garrido — Foz do Arelho.

Ultima semana no

A's 8,45 e 11 horas, da opereta popular

A SENHORA DA ATALAYA

que brevemente vai inaugurar a temporada do

Sá da Bandeira, do Porto

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

OLIMPIA CLUB

Grande exito de

MATILDE BLANCO

Notavel estilista de tangos - Formosa bailarina espanhola

Sensacional orchestra de tangos e de «jazz» — Noite de festa e alegria

Livros e publicações

Estão publicados, num só volume, os dois fascículos da revista *Petrus Nonius*, fundada pelo «Grupo português da Historia das Ciencias», sob a direcção do dr. Arlindo Camilo Monteiro. Podemos classificá-la como uma grande publicação digna de pôr-se ao lado das estrangeiras. Honrado esforço que o publico inteligente compreenderá e compensará, estamos certos disso.

Excelente colaboração do dr. Arlindo Camilo Monteiro, dr. Serafim Leite, prof. Ricardo Jorge, dr. Antonio Barbosa, prof. João da Silva Correia, almirante Ramos da Costa, padre Ernesto Ferreira, almirante Gago Coutinho, Frazão de Vasconcelos, etc. Merece menção especial a esplendida secção intitulada — *Vida Científica em Portugal e no Estrangeiro*.

O general João de Almeida, no seu livro *O Estado Novo*, continua a defender idéas e a sugerir alvites inspirados na sua doutrina nacionalista e totalitaria. Boa leitura, dum patriotismo largo e generoso. Propõe que se construa um Monumento Nacional, como Padrão da Raça, que consubstancie a alma do Imperio—Monumento que constaria duma piramide de base rectangular, de 150 metros de lado e 450 de altura.

«Arquitectonicamente», seria dividida em zonas, correspondendo pela ordem cronologica aos varios pavimentos em que é dividido.

O autor de *Sul de Angola*—obra que define a politica dum grande colonizador—aborda uma série de problemas que versa com muita competencia, de modo a mostrar que o seu pensamento sabe variar-se com os assuntos e multiplicar-se com as dificuldades.

Como «Ensaio sobre a Crise da Civilização Cristã», publicou Antonio Canavarro de Valladares um notavel livro sobre a *Europa Actual*.

Dedica-o: — «A memoria do Infante de Sagres, a mais alta expressão do genio universalista da Raça Portuguesa, o qual tornou possível a expansão mundial da Civilização Cristã».

Abrange as quatro partes principais: *As Consequencias da Guerra, Visão Panorâmica da Nova Europa, Destino do Nosso Continente e A Missão de Portugal*.

Canavarro de Valladares, que é genuino português, fiel á fé e á tradição, mas com a compreensão nitida do terrível drama da nossa época, traça uma síntese viva das forças que se disputam o futuro das nações europeias. Advoga a restauração das disciplinas cristãs sem as quais a cultura e a civilização sucumbem tristemente.

O problema da tuberculose e outros flagelos estão em plena actualidade. O dr. J. Smand estuda-os num livro que tem o seguinte titulo — «*Luta contra a tuberculose, lepra e cancro*».

Traz um prefacio conceituado do dr. Antonio Bernardo. A-pesar-de ser obra dum medico que se dirige principalmente a outros medicos, pode ser lido por toda a gente culta que deseje conhecer até que ponto o misero corpo humano está exposto á morte por inimigos que se servem de segredos ruinosos que a ciencia ainda não conseguiu atingir nem decifrar completamente.

A «*Luta contra a tuberculose, lepra e cancro*» é, pois, um grito de alarme na ignorancia e na indiferença do publico.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem entregar no Eden Teatro a poltrona de orchestra n.º 2 da Fila A, para a 1.ª sessão desta noite com a revista

CHUVA DE MULHERES

UMA BELA OBRA DO CHEFE DO DISTRITO MAIS DE MIL CRIANÇAS POBRES

passaram hoje o dia alegremente
na praia e no frondoso parque de Caxias



O chefe do distrito ajudando a servir o almoço

Partiu hoje para Caxias o segundo turno de crianças pobres, que graças à admirável iniciativa do sr. governador civil vai ali retemperar os pulmões num grande banho de mar, de sol e de lodo. Logo de manhãzinha, começaram chegando ao Cais do Sodré, centenas de crianças, a maior parte acompanhada das mães, numa ruidosa gralhada. Haviãam acordado cedo, mal luzia o sol, no seu humilde tugurio, contentes daquele dia passado ao ar livre. Vinham em grupos, dos bairros pobres, todas as idades até aos dez anos, todos os tipos de beleza infantil e, no meio daquele jardim humano em miniatura, algumas flores tristes, descoradas—que a miséria tem paralisado no seu normal desenvolvimento.

A certa altura eram mil, com os seus bibes lavadinhos, sapatos remendados, e, na cara, um sorriso vivo de alegria. Às 9 horas, chegavam ao Cais do Sodré o sr. tenente-coronel Lobo da Costa, Augusto Lacerda, da comissão central de Assistência do



A concentração para o almoço, na praia de Caxias.



Todo o serviço é feito, com entusiasmo, por empregadas do Governo Civil.



Um aspecto do almoço, no jardim contíguo à praia.



Pelo visto, a sopa estava apetitosa...

Governo Civil, Pedro Terenas, do conselho central das Juntas de Freguesia de Lisboa, alferes Fonseca e Rodrigues, secretários do chefe do distrito, João Correia dos Santos, etc.

As crianças, em numero de 1.150, foram divididas em grupos, cada um com o seu distintivo a-fim-de facilitar a organização.

O pequeno exercito foi formado em frente da estação, em varios pelotões, sob a direcção de sete empregados do Governo Civil, ajudados por três mulheres policiaes, dez guardas, e um grupo de escoteiros.

O sr. tenente-coronel Lobo da Costa mostrava-se encantado. O segundo turno devia ser constituido, apenas, por mil crianças, mas à ultima hora apareceram mais duma centena, no Cais do Sodré.

—Leve tambem o meu filho, sr. governador!

O sr. tenente-coronel Lobo da Costa não tinha coragem de negar. Embora queixando-se que a comida, talvez, não chegasse para todos, ia admitindo novas crianças. Ele proprio, com uma rara delicadeza, que só demonstra a sua admiravel sensibilidade, ia buscá-las, colocando-as nas formaturas, que iam assim aumentando constantemente.

Uma pobre mulher, que foi, como as outras prontamente satisfeita, no seu pedido, exclamou:

—O pão tem outro sabor quando é dado aos pobres com devoção!

De facto, o sr. governador civil, com esta sua notavel obra de assistencia, é digno de toda a simpatia, não só por a ter posto de pé, em breves dias, mas ainda pela maneira tocante como a realiza.

Às 9 e 30, as crianças, cantando alegremente tomaram o comboio para Caxias. Foi um verdadeiro delirio de vivas, despedidas jubilosas, chapéus agitados às janelas. Quinze minutos depois, o comboio «côr de rosa» partia para Caxias, com o seu festivo carregamento.

Ia chelo! Ao passar nas estações, embora não parasse as manifestações ruidosas, repetiam-se. Pouco depois chegava à praia do estagio, realizando-se depois o banho geral dos miudos, pretexto para inofensivas brincadeiras.

Alguns, coitaditos, nunca tinham visto o mar. Rebolavam na areia e brincavam. O almoço foi dado às crianças no parque de Caxias à sombra de velhas arvores, um almoço monstro, devorado com bom apetite, no meio duma deliciosa intimidade.

Consta-nos que o sr. governador civil pensa em alargar para o ano a sua iniciativa. Em vez das crianças pobres irem como agora, apenas um ou dois dias, por semana, para a praia, terão um estagio de 15 dias, possivelmente em S. Julião da Barra, que tem a vantagem de ter um grande pinhal. As crianças receberão assim ar do mar e do campo, podendo ou não tomar banho, conforme as suas circunstancias fisicas.

A colonia balnear será instalada numa pequena cidade, tendas e barracas de lona, que terá a sua cozinha, o seu refeitório, jardim de recreio, etc.

O sr. tenente-coronel Lobo da Costa acompanhou a Caxias a excursão infantil.

TAPETES PORTUGUESES

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais — Arte e Ménage — Alecrim, 71, 1.º — Telef. 2 0711

“La Virgen

(Do nosso enviado especial)

SARAGOÇA, 11.—Deixámos Huesca, ao norte e desviada da direcção que trazemos, retardando para a volta a visão desta cidade quasi destruida e Calatayud, onde já não vive a Dolores e muitas mater-dolorosas e chegámos à capital de Aragão, centro desta frente e expoente da ofensiva dos vermelhos que contavam dela estarem senhores à data em que escrevemos. Encontramos, aqui e ali, vestígios dos bombardeamentos vermelhos, casas semi-destruidas e onde pobre gente indefesa foi vitimada, mutilada, desalojada dos seus lares.

A cidade, outrora feudo da C. N. T. que tinha aqui o seu melhor baluarte revelou-se tão espanhola nestes catorze meses de luta, e sobretudo nos ultimos catorze dias, que bem se pode afirmar haver vivido a copla famosa «jota»:

«La Virgen del Pilar dice
Que no quiere ser francesa,
Que quiere ser capitana
De la tropa aragonesa.»

Por «franceses» têm-se por aqui todos os estrangeiros, como por Andaluzia se chamam a todos «ingleses». E os de Aragão sabem, por haverem cantado, e ouvido cantar, e por que o sentem, que a «Virgem del Pilar» não quer ser francesa. E sabem que entre os vermelhos todos são «franceses», estrangeiros, até os que nascendo em Espanha são contra a idéa de Patria. E porque o sabem se defendem heroicamente, protegidos pela Pilarica, como carinhosamente chamam à «capitana» de la tropa aragonesa.

Sobre «la capitana», e sobre os seus soldados, caiu metralha; mas, Saragoça não caiu, e o templo está de pé. Encontramos os cafés—os maiores de Espanha por suas dimensões, tectos altíssimos—cheios de gente. Os soldados confundem-se com os «baturros» de alpergata, calçona aberta, grande faixa nas barrigas volumosas. Lenços de côres variadas cingem-lhe as cabeças grisalhas—os de cabelos negros e louros estão combatendo, vestem uniformes.

Fugimos da algazarra dos cafés e refugiámo-nos no Casino, onde um relativo silencio nos permite escrever estas rapidas linhas para registar o que vimos e ouvimos.

Por informações obtidas sabíamos que o alto comando vermelho havia escolhido o dia de hoje para grandes combates que, afinal, só se deram na sua imaginação. O dia de hoje foi até dos mais tranquilos das duas ultimas semanas.

Colégio d

Rua Castilho, 45 (à Rotu)
Óptimas instalações
Formação moral e intellectu
Direcção Pedagógica do
Corpo docente
Ensino religioso, instrução primária e
e artistica. Abre a 7 de Outubro. P

MOBILIAS DA GRANJA

Se V. Ex.ª vai mobilar a Casa visite primeiro as exposições de mobílias e tapetes, onde encontrará sempre os mais belos modelos. C. Sacramento, 6 (ao Chiado) Lisboa

RESSÕES DE SARAGOÇA

en del Pilar dice . . .

Os milicianos já não correspondem aos desejos dos que vieram vê-los combater nestas frentes — Indalecio Prieto, «La Pasionaria», Llanos de Encomienda, Pozas e Miajas. E, pelas notícias que chegam, verifica-se que tal tranquilidade não se nota só em Saragoça, mas também nos sectores de norte e sul, Huesca e Teruel. No Casino de Saragoça encontramos com o braço vendado um alferes cuja conducta durante o cerco de Belchite mereceu o elogio dos comandos, e de todos. Foi este alferes quem sugeriu a ideia de organizar uma sortida que livrasse os da pequena aldeia de Belchite do cerco marxista que os asfixiava. Na primeira tentativa foi ferido



Arte onde se combate, as povoações o panorama de abandono e de desolação

(Foto Campúa)

do na cabeça por um casco de metralha. Nova tentativa e nova ferida, esta numa das mãos que ficou quase separada do braço, pelo que, num gesto brutal, ele mesmo a cortou com a faca que levava no cinto. Foi então que se viu rodeado da massa humana que se projectou aqui sobre todos os sectores, e sobre o de Belchite em especial.

Sangrando da mão decepada, continuou animando a resistência que, com tão abnegado exemplo, foi heróica ao ponto de pôr em retirada os assaltantes. O bravo alferes, operado ontem em Saragoça, novo manco de Lepanto, passou hoje pela cidade entre aplausos e aplaudido está sendo agora pelos socos do Casino.

Também os aviadores são festejados em Saragoça pelos seus feitos na frente. Por um evadido sabe-se que

a aviação nacionalista destroçou em Tarlete, num abrir e fechar de olhos, o 2.º batalhão da brigada mixta 141. E hoje prosseguiram com mais façanhas.

Os feitos de armas que se relatam não têm fim aqui, onde se vivem horas de calma após dias de luta intensa, em que os vermelhos investiram furiosamente, procurando entrar em Saragoça pela famosa porta «del Carmen», aquela por onde há mais dum século tentaram, inutilmente, entrar os franceses. Ontem, como hoje, o inimigo encontrou pela frente os soldados de «la capitana» que «dice que no quiere ser francesa».

Fracassado o intento, entretêm-se hoje em ligeiros tiroteios lá para Teruel, pelas alturas de Buénas. E os nacionalistas aproveitam para progredir ao sul do Ebro.

Afirma-se que nesta frente, onde tantas baixas têm sofrido, perderam as brigadas internacionais um dos seus generais mais categorizados, o russo Limando Nikailof. E perderam muitos homens, e muito material cujo numero não poderíamos dar exactamente, a pesar de havermos visto em massa o desta zona, assim como comprovámos o excelente moral das tropas de Franco, a mais de 20 quilómetros de Saragoça, ainda que haja quem, longe de aqui, afirme que estão às portas da cidade.

Pisámos o terreno invadido por massas incontáveis de homens, precedidos de tanques, aviões e granadas de grande calibre. Avistámos as posições que os vermelhos ainda defendem numa escassa porção do terreno invadido, o que acontecerá durante poucos dias mais pois os nacionalistas ainda se não empregaram a fundo na contra-ofensiva que adivinhamos pelo continuo desfilar de esquadras de cavalaria que se prepararam, talvez, para reeditar uma daquelas heroicas cargas que nos últimos dias fizeram recuar os vermelhos. E com a cavalaria desfilam filas intermináveis de tanques e tractores que arrastam peças das grandes, daquelas que ao disparar nos obrigam a defender os ouvidos com algodão, ao passo que as pequenas, modernas, bonitas, disparando tiros seguidos, como pistolas, quasi nos acariciam os tímpanos com sua música metálica.

E porque vi tudo isto, e me trouxeram de automóvel, tranquilamente, até vinte quilómetros de Saragoça na direcção da frente, posso garantir aos leitores do «Diário de Lisboa» que mentiu «La Dépeche» que no passado dia 6 publicou fotografias da capital de Aragão, afirmando que ali se luta encarniçadamente, e que meutem todos os que se fazem eco de boatos que me permitem avallar as mentiras internacionais que acêrea desta guerra têm corrido mundo.

Aos que daqui podem colaborar em tais mentiras já as autoridades militares ditaram sentença em editais que ontem foi afixado nos lugares publicos. Foi a publicação deste edital no «Heraldo de Aragon» que levou o meu querido Frederico Garcia Sanchiz a telegrafar de Burgos ao alcaide de Saragoça pondo-se á sua disposição para vir aqui ver onde está a frente e diz-lo depois, através duma das suas admiráveis «charlas», nos teatros e praças publicas. E a oferta foi aceita pelo alcaide, previa consulta ao general do 5.º corpo do exercito. Frederico deve estar a chegar, e aqui o espero encontrar, á volta de Teruel, onde vou apreciar novos aspectos desta frente de Aragão e abraçar outro amigo querido que, já afastado do Exército, voltou a assumir a sua patente de capitão, ingressando no Terço, a força de choque, e figurando, desde a primeira hora, nos sectores de mais perigo, o perigo que adora, esteja representado pelas hastes dos touros ou pelas balas.

ROGERIO PEREZ

CAMAS DE CAMPANHA «CAMPING»
MALAS-MESA Antiga Casa Figueiredo
MOCHILAS, ETC. 215-R. DA PRAIA-217

A GUERRA NO EXTREMO-ORIENTE

OS JAPONESES CONTINUAM

a sua grande ofensiva

contra o caminho de ferro de Pequim a Han-Keu

Resumo do serviço telegrafico recebido hoje acerca das operações no Extremo-Oriente:

As tropas chinesas—dizem de Changai—num contra-ataque vigoroso retomaram a aldeia de Lotien, e no sector de Cha-Pei desencadearam uma ofensiva. O combate é encarniçado.

Informações da ultima hora, de origem japonesa, dizem que a ofensiva foi repulsa e desmentem a tomada de Lotien.

De Tai-Yan, Xan-Si, informam que a cidade foi bombardeada por duas vezes pelos niponicos. Os estragos são importantíssimos.

A Reuter informa de Hong-Kong que um contra-torpedeiro japonês deteve o paquete inglês «Rawalpindi», a 100 milhas daquele porto. Mais tarde, porém, deixou-o seguir a sua rota.

Os restos das tropas chinesas da região de Machang retiram agora para Psang-Cho. Os niponicos ocuparam Fu-Cheu, após um ligeiro bombardeamento. Os japoneses estão acabando de fechar o cerco de Te-Heu, na via ferrea Pequim-Han-Keu. Pelas 8 horas, aviões chineses voaram sobre Pao-

Ting e lançaram algumas bombas que provocaram incêndios. Os chineses abateram ontem um avião japonês nesta região.

O quartel general japonês na China do Norte considera a grande ofensiva ontem desencadeada em ambos os lados da linha do caminho de ferro de Pequim a Han-Keu como sendo a operação militar de maior envergadura até agora efectuada. O objectivo desta acção é a ocupação das linhas principais da defesa chinesa no territorio de Paoying, a 150 quilómetros no sul de Pequim.

No lado leste da linha de caminho de ferro Pequim-Han-Keu, as tropas japonesas ocuparam 20 quilómetros de terreno.

O quartel general japonês de Formosa assinala ter-se conseguido um desembarque de tropas em frente de Formosa, na costa chinesa. Os chineses tentaram opôr-se, mas a sua resistência foi esmagada após um curto combate.

As perdas japonesas na região de Changai de 23 de agosto a 13 de setembro foram: 905 mortos, 2.574 feridos.



Os soldados japoneses, de baioneta armada, patrulhando as ruas de Tien-Tsin

O PORTO pelo telefone

Chefe de Policia agredido

Foi preso o empregado bancario Elísio Antonio da Costa, do largo da Cancela Velha, por ter agredido á bofetada, e sem motivo justificado, o sr. chefe Rebelo, da 17.ª esquadra. Foi julgado e condenado em 45 dias de cadeia e 450 escudos de multa.

O caso de Carlos Alberto

Assumiu a direcção das investigações o sr. dr. Carlos Ferreira, director-adjunto da P. I. C. O Bartolo continua em estado grave no hospital da Misericórdia, não tendo sido possível ainda interrogá-lo, isto, por determinação do director clinico da enfermaria 5, onde o mesmo se encontra internado, que considera gravissimo o estado do ferido.

RETIRO DA SEVERA

R. Antonio Maria Cardoso, 1
Deonilde Gouveia, Raquel de
Sousa, Jesuina de Melo, José
Porfirio, Jacinto Pereira e Gui-
lherme Janeiro (estrela).
Amanhã: Berta Cardoso—Sa-
bado: Ercilia Costa.

Retiro da Severa (Cine-Rex)

Rua da Palma
Judite Pinto
Augusto Pereira
Vitor Daniel
ENTRADA FRANCA

A EXPOSIÇÃO DE PARIS

A Companhia de Moçambique acaba de editar, com destino á Exposição de Paris, um folheto sobre o porto da Beira e a ponte sobre o Zambeze.

Logo no inicio da Exposição, a Companhia de Moçambique fez editar dois folhetos sobre os assuntos que reuniu agora num unico, tendo-lhes dado, nessa altura, merecida divulgação.

O folheto que temos presente é, sob o ponto de vista grafico, excepcionalmente feliz. O texto—as gravuras que constituem o seu recheio são um elemento seguro para tornar conhecidos aqueles dois importantes melhoramentos.

A construção do porto da Beira e da ponte sobre o Zambeze constituem um elemento essencial para o progresso duma parcela importante do territorio nacional. Tanto no aspecto tecnico como no aspecto economico, a ponte sobre o Zambeze e o porto da Beira bem merecem ser conhecidos, dada a sua importancia e a sua influencia no futuro da Africa portuguesa.

Barbosa & Costa L. da

Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
HALCÁ
apresentam o novo tapete
O melhor tapete Portuguez
com preços de concorrência
Grande stock
Telefone 2 3562

e Clenardo

Telefone 4 1861
em edificio independente
al de alunos do Sexo Masculino
DR. P.º RAUL MACHADO
te seleccionado
curso completo dos liceus. Educação fisica
edir esclarecimentos pelo telefone 4 1861

Antigo Solar da Alegria

Hoje—Maria Virginia, Rosa
Costa, Domingos Silva, Maxi-
mo Costa «Tita» e o distinto so-
lista de viola Martinho d'Assun-
ção.
Consumo minimo, 2\$500.

A' margem da semana

Diplomacia feminina

Os Estados deviam, talvez, confiar a mulheres, actualmente, os seus cargos diplomaticos, pois que a diplomacia dos nossos tempos se vê obrigada a recorrer a um sistema que participa dos defeitos e qualidades femininas.

A mulher, provavelmente pela sua dependencia secular, muitas vezes fecha os olhos á evidencia de certos factos e finge ignorá-los, porque dessa aparente ignorancia depende a paz do seu lar e a continuação de affectos necessarios ao seu coração ou á sua vida. Em diversas circunstancias, cala a sua opinião ou chega a aceitar opiniões que não partilha, porque assim evita contrariedades, ou é amavel para tal ou tal pessoa. Outras vezes, fala demasiadamente, atordando o interlocutor, e consegue vencê-lo, se não pela excelencia dos argumentos, pela catadupa das palavras, e até das queixas e das lagrimas.

E' raro obter duma mulher uma affirmacao categorica, uma resposta nitida, segura, mesmo mas cousas insignificantes.

Por exemplo, pedimos a uma irmã, ou amiga, que nos traga de determinada loja uma porção de fita. Quando ela volta, preguntamos:

—Então?... trouxe-me a fita?

Resposta:

—Olha, quando eu cheguei á rua de tal, encontrei a Lili, que me disse: «queres ir comigo a uma loja, onde vendem muito barato? Eu estava com pressa, mas como ela queria que...

Interrompemos:

—Mas, afinal, trouxe-me a fita?

—Espera!... Eu respondi-lhe que queria ir primeiro á retrozaria que tu me indicaste, ela foi comigo, e pelo caminho sempre me contou a coisa mais engraçada, que possas imaginar, a respeito daquela rapariga...

—Mas a minha fita, compraste-a?

E só ao fim dum quarto de hora de divagações é que conseguimos apurar que a fita está na malinha de mão, ou que não foi possível trazê-la porque já não havia — quando era tão simples responder á pergunta: «Trouxeste a fita?»: «Sim» ou «Não».

A mulher é mais ou menos isto, com as suas grandes qualidades e com os seus pequenos defeitos, ás vezes mais impertinentes que os grandes. Foi assim que se habituou a ser, por defesa propria, para resguardar a autonomia do seu fôro intimo, para obter uma certa tranquillidade, para equilibrar a balança perante o mais forte, e vai do sacrificio á hipocrisia, da paciencia ao sorriso, da tagarelice ao silencio, ora resolvendo situações dificeis, ora complicando cousas simples, com um misto de perspicacia e de imprudencia, de astucia maldosa ou conciliadora, que é difficil apreender ou definir.

... Não haverá um pouco de tudo isto na diplomacia actual?

MARIA DE CARVALHO

Atropelamento mortal

Deu esta manhã entrada no Instituto de Medicina Legal um homem cuja identidade se desconhece e que aparenta ter 38 anos de idade. O infeliz foi colhido por uma camioneta em Encarnação (Sacavem), e chegou morto ao hospital de S. José, para onde foi transportado.

Direcção das Construções Navais

Um decreto hoje publicado determina que não seja applicável o desconto de 10 por cento em varias dotações consignadas no orçamento da Direcção das Construções Navais.

Decimos viciados

O chefe Pereira dos Santos e o agente Mario Silva, prenderam Ernesto da Silva e a sua amante, Isabel da Conceição Caldeira, por terem viciado decimos da lotaria da Santa Casa da Misericórdia, no valor de 12 contos.

Um desastre na Exposição de Paris

PARIS, 16.—Em consequencia das chuvas incessantes, o tecto do pavilhão da Higiene na Exposição Universal de Paris sofreu tanto que se desmoronou a noite passada. Não houve vítimas a lamentar.—(D. N. B.).

Noticias do Algarve

Do sr. Luiz Salas, da direcção do Gremio dos Industriais de Conservas de Peixe de Sotavento do Algarve, recebemos a seguinte carta:

«Sr. director: — Em o numero 5.315 do vosso conceituado jornal de 5 do mês corrente, a paginas 6 e sob o titulo «Diversas transgressões a um contrato colectivo de trabalho» vem uma noticia de Olhão a que bem contra nossa vontade somos forçados a responder.

Fazemo-lo sómente pelo dever que temos de esclarecer a opinião publica, os operarios e os industriais que não conhecem a verdade, pois a noticia em si não merece para quem conhece estes assuntos, a menor atenção.

Convém, em primeiro lugar, esclarecer que, pelas disposições do decreto-lei 26.775, o Algarve está dividido em 2 zonas, «Barlavento e Sotavento», tendo cada uma delas o seu Gremio.

O Gremio de Barlavento tem a sua sede em Portimão e abrange os centros industriais de Portimão e Lagos.

O Gremio de Sotavento tem a sua sede em Olhão e abrange os centros de Olhão e Vila Real de Santo Antonio.

Fica desta forma desfeita a pretensa affirmacao de que o presidente deste Gremio, ao desmentir a noticia publicada no «Diário de Lisboa» de 24 de agosto findo, o fizera em nome do Gremio dos Industriais Conserveiros do Distrito de Faro, que não existe.

Dado este esclarecimento verifica-se facilmente que nada temos que confirmar ou desmentir a noticia, na parte que se refere a Portimão e Lagos cujos assuntos não conhecemos nem pretendemos conhecer, por não respeitarem aos centros abrangidos pelo Gremio que dirigimos.

Na parte em que a noticia se refere aos centros de Olhão e Vila Real de Santo Antonio, que pertencem á area deste Gremio, carcece ela

em absoluto de fundamento, porque:

As firmas Quinta, L.A., Centeno Cumbreira & Rodrigues, Gian Batista Parodi e Simões Folque & C., não despediram até esta data nenhum dos seus operarios e a firma Henriques & C. L.A. despediu, é certo, um operario que faltou ao cumprimento das obrigações que lhe eram impostas pelo Contrato Colectivo de Trabalho e que faltou ao respeito ao mestre da fabrica.

Todavia, a noticia nem mesmo neste unico caso é verdadeira, porque diz que os industriais estavam despedindo operarios do quadro auxiliar e efectivo, pretendendo pagar a estes ultimos apenas 30 dias, quando a verdade é que este despedimento, com justa causa, não dá ao operario direito a qualquer indemnização.

O industrial tambem nada aproveitou, com o despedimento do operario, que a manutenção da disciplina na sua fabrica exige, visto que preencheu a vaga do despedido por outro operario.

Posta a verdade nos seus devidos termos, resta-nos lamentar que o signatario da noticia, na dupla função de correspondente de jornais e de fiscal do Fundo do Desemprego, se tenha esquecido desta sua ultima função, para não medir a responsabilidade que devia ter, em faltar á verdade em assunto de tanto melindre.

Não perderemos tempo a responder a certas passagens da noticia, escrita por forma impropria e indelicada, que só o desconhecimento dos preceitos mais rudimentares da convencia social poderiam desculpar quem as escreveu, uma vez que elas não interessam ao esclarecimento do assunto.

Solicito de V. Ex.ª se digne ordenar que no mesmo jornal e sob o mesmo titulo seja publicada esta nossa carta.

Terminamos subscrevendo-nos com elevada consideração, de v. etc.—Luiz Salas,

COLEGIO PARISIENSE

Para educação de meninas

R. de S. Sebastião da Pedreira, 22-30 -- R. Martens Ferrão, 9-13

A DONA DE CASA ARRANJADA



Esta senhora estava tão habituada a servir-se diariamente do Fogareiro Vacuum, que passou quasi a esquecer-se das vantagens por elle oferecidas, até ao dia em que, indo veraneiar para o campo, viu que a criada se tinha esquecido dele na casa da cidade.

FOGAREIROS
VACUUM



SÓ SÃO FOGAREIROS VACUUM AQUELES QUE TRAZEM GRAVADA A MARCA "VACUUM"

BOLSA DE LISBOA

15 de setembro
CONTADO

VALORES	Recebido	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3/4 1936 (S)	—	947\$00	950\$00
4 0/0 1934	975\$00	974\$50	975\$50
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	—	—	—
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.022\$00	1.022\$00	1.023\$00
4 3/4 1934	—	—	—
5 1/2 0/0 1933	—	1.067\$00	1.068\$00
Externo 3 0/0 1.ª Série	1.723\$00	1.722\$00	1.723\$00
3 0/0 2.ª	—	—	—
3 0/0 3.ª	—	—	1.735\$00
Cautelas s/ juro 3.ª Série	160\$00	150\$00	160\$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	505\$00	505\$00	507\$00
Espirito Santo port.	—	—	—
Lisboa & Açores, port.	372\$50	372\$00	375\$00
Portugal, portador	—	—	1.125\$00
C.ª DE SEGUROS			
Donança	—	—	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	242\$00	250\$00
Nacional	—	76\$00	78\$00
Sagres	—	—	—
Lagos	—	1.200\$00	—
C.ª DIVERSAS			
P. ordinaria	—	—	—
privilegiadas	—	11\$00	13\$00
Aguas de Lisboa, port.	—	—	280\$00
ass. 1934	—	—	—
ass. 1936	145\$00	143\$00	150\$00
Credito Predial	178\$00	178\$20	178\$50
Gaz e Electricidade	223\$50	223\$00	224\$00
Portugal e Colonias	85\$50	85\$50	86\$50
Navegação	102\$00	102\$00	104\$00
Portuguesa de Pesca	258\$00	255\$00	259\$00
de Tabacos	411\$00	411\$00	411\$50
Tabacos de Portugal	385\$00	384\$00	388\$00
Tabaqueira	—	—	—
Uniao Electrica Portug.	—	—	—
COLONIA			
Açúcar de Angola	—	388\$00	390\$00
Busi — 1.ª Emissão	—	46\$20	46\$50
— 2.ª	—	43\$00	45\$00
da do Principe	479\$00	477\$00	480\$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	211\$00	210\$00	215\$00
Predial 6 0/0 — 1932 L.S.	—	89\$00	90\$00
7 0/0	104\$50	104\$50	105\$00
Uniao Elect. Port. 6 1/2 0/0	—	119\$00	121\$00
5 0/0	—	103\$50	105\$00
Busi 9 0/0	114\$00	113\$50	114\$00
6 1/2 0/0	119\$50	119\$00	120\$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110\$00	110\$20
Paris	\$75.2	\$75.3
Madrid	1\$49.6	1\$49.9
New-York	22\$21.6	22\$25.7
Zurich	5\$10.2	5\$11.2
Roma	1\$16.8	1\$17.1
Bruxelas	3\$73.9	3\$74.6
Amsterdan	12\$22.0	12\$24.2
Berlim	8\$91.6	8\$93.2
Praga	\$77.5	\$77.7
Rio de Janeiro	1\$43.2	1\$43.4
Libra ouro	—	—

Uma forma nova de arranjar emprego

Ante-ontem, um individuo de nome Rogerio Santos, residente na avenida Sá da Bandeira, 95, r/c, em Coimbra, tomou ali o autônovo do «chauffeur» Horacio Augusto de Sousa, que mandou seguir para Lisboa. Uma vez nesta cidade, deu varias voltas em busca dum tio que não encontrou. Por fim, disse ao «chauffeur» que não tinha dinheiro para lhe pagar. Acrescentou que se tivesse encontrado o tio teria satisfeito a conta, que monta a algumas centenas de segundos.

O «chauffeur», para que o passageiro se não perdesse na cidade, foi entregá-lo á guarda da Policia de Segurança que, por sua vez, o remeteu para o Torel.

Interrogado pelo agente Ferreira, declarou que não veio de Coimbra para Lisboa, em passeio, mas sim, em busca de trabalho.

Edições da "Renascença Grafica"

RUA DA ROSA, 57, 2.ª

Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA 10\$00
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... por NORBERTO LOPES 10\$00
O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES 8\$00
BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOAO PAULO FREIRE (Marlio) 20\$00
PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO 10\$00

Pedidos á Administração do «Diário de Lisboa».

ELETRIGIA

Casa verdadeiramente especializada em **candelieiros** e em **artigos de menage**

Vendas a prestações
R. Santa Justa 87 a 93
Esq. R. Arco do Bandeira

ESTRANGEIRO**CAMPOS & C.^a**

Vila Nova de Gaia
— os melhores —
VINHOS DO PORTO

O caso do juiz americano

que pertence ao «Ku-Klux-Klan»
WASHINGTON, 16.—As acusações contra o juiz do Supremo Tribunal de pertencer à famosa «Ku-Klux-Klan» parece poderem vir a ter consequências serias. Roosevelt recusou-se a fazer comentários «até o regresso do juiz» que se encontra na Europa e muitos interpretam esta recusa no sentido de ser impossível ao Presidente desmentir as acusações. E' todavia evidente que o Presidente ignorava que o juiz fosse membro da poderosa associação, quando o nomeou. De resto, por esta altura, correram boatos de que Black era membro da «Ku-Klux-Klan», mas os senadores não lhes deram crédito. A oposição contra Roosevelt não deixará de explorar o caso, dizendo alguns que Black talvez pudesse demitir-se. A continuação do escândalo influiria nas eleições parciais de 1938, pondo novamente em foco e com agudeza o problema racial e religioso representado neste país por aquela associação. —(Havas).

Explosão numa fabrica de produtos químicos

NOVA YORK, 16.—Informam de Weehawken (Nova Jersey) que se deu uma explosão numa fabrica de produtos químicos a qual provocou um incendio que destruiu completamente a fabrica. Ficaram gravemente feridos 40 operários. O fogo estendeu-se também a quatro casas que ficaram também destruídas. —(D. N. B.).

O eixo Berlim-Roma

GENOVA, 16.—O dr. Schacht, ministro da Economia da Alemanha, chegou a esta cidade. —(Havas).

AS REIVINDICAÇÕES COLONIAIS DA ALEMANHA

CIDADE DO CABO, 16.—A opinião sul-africana acolheu diversamente as declarações do Alto Comissário Tewater, em Montreal, a propósito das reivindicações coloniais alemãs. Uns consideram a declaração de molde a esclarecer a atmosfera internacional, outros acusam-na de indiscrição comprometedoras. «O dever dum diplomata—diz o «Cape Argus»—é falar com prudência. Tewater fez muito para animar os esforços alemães no sentido de se colocar a questão no primeiro plano das questões internacionais. Não só complicou um caso, já tão vivamente discutido—afirma—mas comprometeu, imprudentemente, o país que representa e enraiveceu as suas possibilidades de participar numa solução do problema por via consultiva ou diplomática». Para o «Durban Daily News», Tewater não fez mais do que exprimir a opinião de muitos sul-africanos. Se por validas razões as potências africanas não estão preparadas para admitir entre elas a Alemanha nazi, não ha mal em dizê-lo francamente.

Por seu turno, o general Smuts pronunciou em Standerton (Tranvaal) um discurso em que se referiu à situação.

O custo da vida em França

PARIS, 16.—O «Petit Journal» escreve, acerca do encarecimento dos viveres em França, sob o título «A nota da Frente Popular» que o numero indice geral do custo de vida teria aumentado de Julho para Agosto 2,2 por cento, 3,9 para a categoria dos produtos de origem francesa e 2,2 para os de origem estrangeira. —(D. N. B.).

As tragedias do ar

LIMA, 16.—O avião de passageiros da «Fawcet» caiu nos arredores de Chile. Morreram 7 passageiros e o piloto. —(Havas).

Dez homens carbonizados

GLASGOW, 16.—Numa granja onde estavam dormindo, depois do trabalho, pereceram carbonizados por um incendio 10 irlandeses. —(Havas).

Pensão Castro

Com quartos confortáveis para casal e pessoa só. Comida com abundância. Almoços e jantares ao domicílio. Recebem-se comensais.

Avenida da Liberdade, 53, 2.º, D.

ELIMINE OS PELOS

COM

A LUVA DEPILETORIA**SENHARIGILO**

Processo moderno
Eficacia absoluta

Fazem-se demonstrações

A' venda nas boas casas

DISTRIBUIDORES:

VIALIS, L.^{da}

R. Fanqueiros, 62, 1.º, E.

LISBOA

Tel. 29434



ção geral. Declarou que não acreditava que a guerra viesse a estalar nestes anos mais proximos. «Mas a nação—disse—não deve por iso deixar de ter pronto para todas as eventualidades o seu sistema de defesa. Ha coisas tão más ou tão perigosas como a guerra—terminou—e são elas a incerteza e o receio que minam a estabilidade económica. E' necessario que todas as nações elaborem um plano para a continuação da paz e boa vontade geral». —(Havas).

Mussolini vai interessar-se pelo assunto

VIENA, 16.—O «Neuckeits Zeitung», órgão católico, referindo-se às reivindicações coloniais da Alemanha, diz que é possível que a visita de Mussolini a Berlim provoque a expressão precisa das exigências coloniais alemãs perante a opinião internacional. Este mesmo jornal, referindo-se às manifestações de austriacos no Congresso de Nuremberg, diz que eses austriacos não tinham o direito de falar em nome da Austria, ao contrario do que alguns pretendem. —(Havas).

Condenação de comunistas na Polónia

VARSOVIA, 16.—O tribunal do distrito de Grodno condenou ontem 47 membros do partido comunista da Rússia Branca ocidental, que eram na sua maioria judeus. —(D. N. B.).

Colegio Alemão

Em face dos crescentes pedidos de informações acerca do funcionamento do Colegio Alemão, em Palhavã, resolveu a sua direcção publicar estes esclarecimentos:

O Colegio é um liceu alemão, de 8 anos de curso, tendo também 4 classes de instrução primaria e uma classe infantil.

Os certificados e os exames do Colegio Alemão são válidos na Alemanha, dando o exame final («Maturum») o direito á entrada em qualquer Universidade alemã.

Como, numerosas vezes, os pais dos alunos não-alemães têm manifestado o desejo de que os seus filhos fossem também preparados para o exame de admissão aos liceus portugueses, resolveu a direcção do Colegio Alemão abrir, para este fim, e exclusivamente para os seus alunos, cursos complementares de 2 anos.

E' evidente que o Colegio Alemão que, sob o ponto de vista dos planos de ensino, em nada difere duma escola do mesmo genero na Alemanha, só pode aceitar crianças não-alemãs que saibam o alemão bastante para começarem a receber a instrução naquela lingua. Vê-se por isso, todos os anos forçado, muito contra a sua vontade, a recusar a matricula a numerosas crianças que não falam alemão.

Chama-se, por tal motivo, a atenção dos pais que tencionem confiar os seus filhos ao Colegio Alemão, para o facto deste manter em Palhavã e em Carcavelos duas classes infantis, em que podem ser matriculadas crianças de 4 a 6 anos, mesmo sem saberem alemão.

Nestas classes infantis, as crianças, sem esforço algum, brincando e cantando alegremente, aprendem o alemão na idade mais propria para aprender linguas, e habilitam-se para entrar, mais tarde, na primeira classe da instrução primaria.

Para todas as informações necessarias, o director do Colegio Alemão está á disposição dos pais interessados, ás segundas, quartas e quintas-feiras, das 11 ás 13 horas.

O NACIONAL SOCIALISMO OCUPA-SE

da cultura fisica

LONDRES, 16.—O «Daily Telegraph» publica uma carta do major inglês Yeath Brown que foi a Nuremberg durante o congresso do partido. O major afirmou que os nacionais socialistas continuam a preocupar-se muito com a cultura fisica. Os milhares de rapazes da Frente do Trabalho que desfilarão perante o Fuehrer fizeram-no com o tronco nu.

A Nova Alemanha deu a impressão de ser sã. Poderá chamar-se, falsamente, a Nuremberg a cidade dos uniformes mas ela é na verdade a cidade da juventude. —(D. N. B.).

A situação na Ucrania

VARSOVIA, 16.—Informações de Moscovo dizem que quasi todos os dias se registam na Ucrania conflitos entre os camponeses e a policia sovietica e se fazem prisões de pessoas suspeitas de participantes no movimento separatista. Consta que as oficinas Gorki, a mais importante fabrica de automoveis da Russia, está quasi paralisada desde o principio do mês, por causa da falta de fornecimentos das fabricas auxiliares, sobretudo dos produtores de pneumáticos e de instalações electricas. As autoridades atribuem o facto á acção dos sabotadores e anunciam prisões. —(Americana).

A morte de Masaryk

PRAGA, 16.—O conselho de ministros reuniu-se hoje para comemorar a morte do presidente Masaryk. Hodza pronunciou uma oração fúnebre pondo em destaque os meritos do falecido. —(D. N. B.).

Cansado logo de manhã!

Sonolento
depois
das
refeições!

**MÁ DIGESTÃO**

Que influencia exerce o seu estômago na sua vida corrente? Que repercussão pôde ter nos seus actos quotidianos uma má digestão? Nas pessoas que levam uma vida sedentária, o estômago, a maior parte das vezes, funciona mal. Um estômago funcionando mal, digere mal. Resultado: fermentação dos alimentos e excesso de acidez. As sensações de mal-estar e lassidão ao levantar-se da mesa, não têm outra causa. As cáimbras, o ardor, a flatulência, o azedume e as dores de cabeça, devem desaparecer para se não tornarem crônicas. A Magnesia Bisurada que se encontra á venda em pó e em comprimidos em todas as farmácias, deve ser tomada logo a seguir ás refeições. É o remédio contra o excesso de acidez e a fermentação dos alimentos. Os milhões de frascos vendidos anualmente em todo o mundo desde ha muitos anos, são o melhor atestado da sua eficacia.

MAGNÉSIA**BISURADA**

Cada frasco Exc. 15\$00; tamanho grande económico: Exc. 23\$00.

MÉNAGE IDEAL

UTILIDADES - NOVIDADES

162, Rua da Prata, 166



30° À SOMBRA!!!

O calor deprime-vos?
Sentis a pele flácida?

A MASQUE VINTAN,
vos refrescará e rejuvenes-
cerá em 15 minutos.

O MELHOR REGENERADOR DA EPIDERME.

CONSULTE O VOSSO PERFUMISTA.

É UM PRODUTO DA PARFA
S. A. — ZÜRICH

Escola de João de Barros

R. de Tomás da

Anunciação, 88

Telefone 4 0783

Media geral de

aprovações. 94%

Dr. Alvaro Campos

Clinica medica, diatermia, en-
das curtas e extra-curtas (fio-
terapia) raios infra-vermelhos,
raios ultra-violetas e ar quente,
Consultorio e residencia:

R. das Picóas, 74, 2.º, D.º — Telef. 4 7441

MAURICIO

DECORAÇÕES E MOBILIARIO

Distinção e Gosto

Rua Augusta, 240, 1.º

Tel. 2 8229

COLÉGIO LISBOENSE

R. Pascoal de Melo, 135
T. da Escola Araújo, 30-34
Telef. 4 3619
Aberta a inscrição

ULTIMAS NOTICIAS

Leica

a máquina fotográfica
da actualidade
AGENTES EXCLUSIVOS
A. CABRAL L.
LISBOA, 2 da TRINDADE, 3.2

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

FORAM DOIS SUBMARINOS DA RUSSIA SOVIETICA

que, segundo afirma um relatório do governo de Salamanca,

provocaram os incidentes registados no Mediterraneo

PARIS, 16.—O «Matin» informa de Hendaia que o governo de Salamanca teria enviado ao «comité» de não-intervenção o resultado dum inquerito acerca dos recentes torpedeamentos no Mediterraneo.

Haveria provas irrefutáveis de que dois submarinos soviéticos teriam tomado parte nos actos de pirataria. Esses dois submarinos de 950 toneladas teriam entrado recentemente no porto de Alicante. O navio que comanda os submarinos, comandado pelo capitão Vassiliev, teria regressado a Odessa para carregar munições.—(D. N. B.).

A opinião publica britânica mostra-se muito dividida

LONDRES, 16.—A opinião britânica está muito dividida quanto à apreciação da nota italiana.

O «Daily Mail» diz, num título que ocupa toda a largura da primeira página: «A Grã-Bretanha vai fazer justiça ao pedido de Roma».

Em compensação, o «News Chronicle» anuncia que, embora sob uma forma menos afirmativa, «é recusado à Itália o mais importante papel no policiamento do Mediterraneo». O «Times» publica um artigo de fundo em que faz a historia do convite à Itália, da recusa do governo de Roma e da oferta franco-britânica dum zona de vigilância com o fim de deixar a porta aberta para futuras negociações. O referido jornal verifica que a resposta italiana é «equivocada» porque se ignora, até, se o governo de Roma aceitará o plano de Nyon oferecendo-se-lhe a zona mais importante. «Ora, diz o «Times», o interesse geral reside na execução daquele plano». Depois o mesmo jornal acrescenta: «Ninguém contesta a importância dos interesses italianos no Mediterraneo mas, neste caso, como no da nota russa, o amor proprio italiano, que não está nos propositos da Inglaterra ofender, parece ter inspirado uma atitude oposta à colaboração na obra instantânea de interesse nacional».

Seguidamente o «Times», ao estudar o proprio problema espanhol, fonte de todos os males, e ao refutar certas acusações de Hitler, em Nuremberg, declara que a atitude britânica é tanto mais imparcial quando em Londres se chegou à convicção «de que a Espanha é provavelmente o ultimo país da Europa que possa perder a sua independência e acabar por se juntar à Internacional fascista ou comunista».

O «Daily Mail», num artigo com o titulo acima referido, afirma que Chamberlain deseja que as conversações anglo-italianas, que vão iniciar-se brevemente, se realizem sob bons auspícios.

Finalmente o «Daily Herald» sublinha que a Itália está convidada para participar e mesmo para modificar o plano que lhe foi submetido, mas que deve fazer sugestões à propria conferência e não, separadamente, à França e à Inglaterra.

O «Yorkshire Post», geralmente bem informado, insurge-se contra qualquer sugestão tendente a levantar o problema da modificação do acordo de Nyon perante a Comissão de não-intervenção para satisfazer a Itália. «É escusado dizer, frisa, que por mera cortezia o acordo será submetido à Comissão, mas a Grã-Bretanha opôr-se-á certamente, a que o problema seja discutido pelos membros daquele organismo. O governo britânico deseja manter a questão da navegação marítima, problema especial e de ordem técnica, fora dos debates de ordem política».—(Havas).

A «Stampa» de Turim não confia em Eden

MILÃO, 16.—A «Stampa» de Turim escreve, acerca do acordo de Nyon, que enquanto Eden estiver no «Foreign Office» é preciso estar acautelado.

O «Daily Telegraph» não escrevia em vão que, após a derrota de Santander, era necessário impedir, por todos os meios, que Franco obtivesse uma rápida vitória. Os bolchevistas retomaram coragem e recommencaram a resistência inútil que não terá como consequência senão provocar novos perigos para a Europa.—(D. N. B.).

As operações militares

Resumo das operações militares, segundo as informações telegráficas que recebemos hoje:

Continuou o avanço dos nacionalistas na frente de Leão. As colunas de Franco iniciaram um movimento envolvente a Los Colleros. A resistência dos asturianos mostrou-se muito viva naquele ponto, mas acabou por ser vencida.

O general Aranda, que comanda na frente de Pola de Gordon, manifestou a sua satisfação pela marcha das operações.

Espera romper, dentro de pouco tempo, as linhas governamentais.

Em toda a região onde se desenvolve a ofensiva nacionalista o terreno encontra-se minado pelos republicanos que fizeram ir pelo ar muitas estradas, incendiando, ao mesmo tempo, as aldeias. Pola Gordon é um monte de ruínas, tendo os governamentais, antes de abandonar esta importante povoação, feito explodir a fabrica de electricidade.

Os aviões nacionalistas bombardearam de novo eficazmente Gijón, sendo auxiliados pelo fogo dos navios de guerra.

O comunicado de Valencia dá conta de terem sido repellidos ataques nacionalistas nas frentes de Leão e do sul, anunciando que a aviação nacionalista bombardeou varias localidades da provincia de Huesca, em poder dos governamentais. O mesmo comunicado dá como abatidos três aviões nacionalistas em Aragão.

De Barcelona anunciam um proximo ataque a Saragoça, declarando que a frente de Aragão está reorganizada, devendo ocupar, no futuro, um papel importante nos planos do comando governamental e acrescentam que a região conquistada durante as ultimas operações tem 15 a 20 quilómetros de fundo numa frente de 80 a 100 quilómetros.

Na frente de Madrid houve varias operações secundarias nos sectores de El Pardo, Carabanchel, Jarama e Arganda onde os governamentais dizem ter ocupado uma posição importante.

Informações diversas

A tripulação do «José Luiz Díaz» abandonou o navio

LONDRES, 16.—Sessenta membros da tripulação do contra-torpedeiro soviético espanhol «José Luiz Díaz», que se encontra na baía de Falmouth, deixaram ontem o navio, ao que afirmam em consequência de terem substituído o comandante.

O navio entrara em Flamouth há algum tempo com grossas avarias. As autoridades do porto permitiram a execução dos trabalhos mais necessários com a condição das munições serem colocadas em terra. Sabe-se que o navio vai partir, dentro de poucos dias, pelo que as munições já amanhã serão transportadas novamente para bordo.—(D. N. B.).

diás, pelo que as munições já amanhã serão transportadas novamente para bordo.—(D. N. B.).

A assembleia da S. D. N. não funcionou por falta de oradores

GENEVA, 16.—Por falta de oradores a assembleia da S. D. N. não pôde realizar a sua sessão de hoje, achando-se assim interrompida a discussão geral iniciada acerca da actividade daquele organismo. Prevê-se que esta espécie de greve terminará amanhã, quando os representantes das grandes potencias mostrarem aos outros o caminho da tribuna. O mesmo fenomeno se produziu na comissão jurídica e constitucional que teve de encerrar a sua sessão por falta de oradores.

Todavia, o dia em Genebra será marcado por um acontecimento importante: a exposição de Negrin, às 17 horas, perante o conselho, justificando o apelo do seu governo à S. D. N. a proposito dos torpedeamentos no Mediterraneo. O apelo do governo chinês está também inscrito na ordem do dia mas é quasi certo que será enviado, segundo uma sugestão de Nanquim, ao «comité».—(Havas).

Uma leva de refugiados para Marselha

LONDRES, 16.—De harmonia com os acordos já anunciados, o navio inglês «Gibelzerjon», partiu hoje com a primeira leva de refugiados de Valencia para Marselha. As quatro mil pessoas que desde o começo das hostilidades se refugiaram nas embaixadas e legações estrangeiras vão também ser evacuadas.—(Havas).

Os julgamentos em Santander

SALAMANCA, 16.—Com o fim de rectificar as noticias fantasiosas publicadas em alguns jornais estrangeiros, as autoridades nacionalistas anunciam que até hoje só se realizaram em Santander 203 conselhos de guerra para julgar individuos acusados de delitos comuns, sobretudo de assassinios. Vinte seis foram condenados à morte, mas catorze foram indultados porque Franco assumiu o processo sempre que haja possibilidade de prova ulterior.—(Havas).

Uma semana de homenagem à Russia sovietica

PARIS, 16.—Segundo informam de Valencia a semana das manifestações de simpatia da Espanha Sovietica pela Russia Sovietica foi fixada, definitivamente, de 1 a 7 de novembro. O ponto culminante dessa semana será a entrega dum busto de Azaña ao representante diplomatico sovietico em Valencia. Todas as cidades que estão sob a influencia de Valencia receberam ordem para embandeirar a fim de expressarem dignamente a sua gratidão pelo auxilio que lhes tem sido dispensado pela Russia Sovietica.—(D. N. B.).

Prisão de cinco individuos que negociavam em ouro

MADRID, 16.—A Polícia prendeu 5 individuos, entre os quais 2 alemães que negociavam em ouro e joias. Os dois alemães chamam-se Alfred Roeder, engenheiro industrial, bavar, e Henri Holtmann, dentista. Na residência destes individuos foram encontradas 200 mil pesetas, ouro e joias.—(Havas).

AS PROXIMAS ELEIÇÕES

O ministro do Interior

teve em Coimbra

uma recepção entusiastica

COIMBRA, 16.—(Pelo telefone).—O sr. dr. Mario Pais de Sousa, ilustre ministro do Interior, chegou hoje a esta cidade, às 11 horas, onde, na Camara Municipal, realizou uma conferencia sobre as proximas eleições das Juntas de Freguesia. S. Ex.^a, que teve uma recepção muito calorosa, era aguardado no limite do concelho de Coimbra, pois encontrava-se em Cantanhede, pelos srs. governador civil, presidente da Camara Municipal, e outras individualidades.

A guarda de honra era feita por uma companhia de metralhadoras 2, com a banda de caçadores 9, «Legião Portuguesa», comandada pelos srs. dr. Anacleto Correia e engenheiro Seguro Ferreira, e pela Polícia de Segurança Publica, sob o comando do sr. capitão Sergio Vieira, também com as respectivas bandas, que executaram o hino da «Maria da Fonte» á chegada do ilustre titular da pasta do Interior, que depois passou revista áquelas forças, as quais estacionavam na praça 8 de Maio até á rua Ferreira Borges.

No atrio dos Paços do Concelho era o sr. dr. Pais de Sousa aguardado pelos srs. coronel Artur dos Santos, comandante interino da 2.^a Região Militar; dr. Bissai Barreto, presidente da Junta Provincial da Beira Litoral; comandantes e oficiais da G. N. R., membros da comissão administrativa da Camara Municipal de Coimbra, dr. João Duarte de Oliveira, reitor da Universidade e presidente da comissão concelhia da União Nacional, camaras municipais e administradores do concelho do distrito, comissões politicas da União Nacional, delegações da «Legião Portuguesa», sindicatos nacionais, altos funcionarios, etc.

Centenas de pequenas bandeiras da «Legião Portuguesa» se agitaram numa saudação calorosa ao sr. ministro do Interior, quando da sua entrada na Camara. Ali, a guarda de honra era feita pela G. N. R., corporações de bombeiros voluntarios e municipais, e guardas da Penitenciaria. A sala nobre da Camara estava repleta de gente, que saudou calorosamente o sr. ministro do Interior, erguendo «vivas» a Salazar, ao sr. general Carmona e ao Estado Novo. Nos lugares de honra, e ladeando o ilustre visitante, viam-se os srs. drs. Ferreira da Silva, governador civil de Coimbra; Bissai Barreto, João Duarte de Oliveira, governador civil de Leiria; coronel Artur dos Santos, tenente Jorge Vieira, comandante da «Legião Portuguesa»; dr. Joaquim de Moura Rêlvos, deputados, major Ramires, 2.^o comandante da G. N. R., e capitão Sergio Vieira.

Proferiram discursos de saudação, pondo em destaque a importância do acto eleitoral que vai realizar-se, no proximo mês de outubro, os srs. governador civil de Coimbra, dr. Bissai Barreto, dr. João Duarte de Oliveira, em nome da comissão distrital da U. N., e dr. Ferrand de Almeida, presidente da Camara Municipal, que se referiram também em termos muito calorosos á figura prestigiosa do sr. presidente do Concelho.

Por entre vibrantes aclamações, o sr. dr. Pais de Sousa produziu uma notavel conferencia sobre a importância do acto eleitoral que vai realizar-se no segundo e terceiro domingos de outubro, brilhante trabalho que a assistencia coroou com constantes e entusiasticos aplausos, e rompendo com «vivas» ao conferente, aos srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar.

NEGRESCO Restaurant-Bar

O melhor do país. R. Jardim do Regedor. Impõe-se pelos seus excelentes serviços á carta de almoços, jantares e ceias, deliciosos pratos especiais — Mariscos, Trutas — Telefone 2 9583.

às 5 horas chá

PATISSERIE VERSAILLES

ARCADIA

Hoje, em pleno sucesso as vedetas espanholas ROSA DE LEVANTE, ROSA VALENTINO e ANGELS MADRID — ORQUESTRA PORTUENSE

MARIA PAPOILA

Em exclusivo no Condes, às 21,30
Matinéas às 3.^{as}, 5.^{as}, Sabados e Domingos

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

A Conferencia de Nyon, pelos resultados obtidos, e até pela firmeza desses resultados, reveste-se de enorme importancia. Aqueles que dizem que essa Conferencia é a primeira victoria diplomatica nitida dos ultimos dois anos—e talvez se pudese remontar muito mais atrás—não se enganam.

Não ha que trazer para aqui as nossas convicções ou illusões. Ha que considerar o facto «consumado».

Uma victoria diplomatica nitida, como uma victoria militar evidente, pode prantear-se ou exaltar-se; o que não pode é—negar-se.

E talvez não seja licito mesmo negar-se o «aviso» que ela de certo modo pode representar.

Mas a que attribuir este exito, quando, nas ante-veperas, o proposito parecia falhado? Acaso a França e a Inglaterra são diferentes do que eram dantes, e a Italia e a Alemanha, sempre á espreita de um pretexto «para não estarem presentes» se modificaram também no potencial que existe na propria ausencia?

Ora eu vos digo o que considere de mim para mim, e não vale, quero crer, um chavo.

E' que os conferencistas se afastaram de Genebra, de Londres, de Paris—dos grandes centros internacionais.

A victoria foi—de Nyon.

Não sorriam, amigos! Aquellas salas arcaicas de um castello, onde um illustre bailio de Berne recebia antigamente os convidados; a cidadezinha que viu passar as legiões de Julio Cesar na conquista da Helvetia, a antiga colonia romana, a cabeça do «pagus equestis», a capital da baronia de Luiz de Saboia, Sire de Vaud, cujas porcelanas preciosas corriam o mundo; Nyon, enfim, desconhecida, romana, medieval, carlovingia, testa de uma grande estrada romana por onde desfilaram em todas as idades, principes, magistrados, legionarios, diplomatas, «missi dominici» de grandes liteiras douradas—não tinha passado internacional.

E' pacifica, tranquilla, espelho de pa.sagem suíça, panteista e moral, de ruas silenciosas, de nobilissimo e austero aspecto. Enfim: uma cidade de irreabilidade, capaz de compreender e tornar compreensíveis todas as realidades.

E havia uma: acabar com a pirataria no Mediterraneo.

Nyon acabou com isso.

Mas enfim, amigos fieis na leitura, se não foi Nyon, admitamos—só para efeitos de raciocinio, está visto—que foi a inspiração de Eden, a prudencia subtil de Delbos, a visão da Inglaterra, o genio da França.

Qualquer coisa que se julgava já que não existia.

* * *

Se eu sempre que posso, e o entendo util—porque ás vezes não vale a pena—defendo a independencia do poder civil, não o faço movido por qualquer pensamento de facção, nem má vontade á igreja. Isto comprehendem todos, e desta comprehensão me satisfazo.

A's considerações que fiz neste lugar na ultima pagina respondeu o jornal «Novidades», órgão cato-

lico, em três artigos de fundo, aplaudindo a minha doutrina no que ela era favoravel á independencia do poder espiritual, mas contraditando-a, até forçadamente (pois nalguns passos interpretou mal as minhas palavras) nos pontos em que eu, em conversa amena, sem ar dogmatico e até sem espirito critico, repunha as coisas no seu lugar, attribuindo a Cesar o que de Cesar é.

Tivemos (falo no plural) a impressão de que o articulista das «Novidades» bem disse a oportunidade que eu lhe dei de apreciar, elogiar e recortar a pastoral do sr.

bispo de Lamego—um teologo notavel—redigida em consequencia das deliberações do Concilio Plenário Português.

Não fiz critica nem faço critica. E não dedico ao assunto o espaço que ele merece por motivos compreensíveis, sendo certo que o faria de bom grado, e com a lealdade, embora também com a modestia, que vão bem ao meu processo de trabalhar jornalismo.

Da leitura atenta dos três artigos—cujo autor ignoro, porque não está o artigo assinado, e não posso sequer presumir quem seja—vejo que tudo quanto escrevi es-

Nyon
Cesar

tava certo e que cada passo dos três interessantissimos artigos só confirma o meu ponto de vista.

Não quero prolongar a conversa—sinceramente «não quero»—o que neste caso, tratando-se de «Novidades» seria «chover no molhado». Esta firmeza não exclui lealdade, devo acentuar.

Defendi a independencia da igreja em materia religiosa, em tudo quanto diz respeito ao divino. Quero, aspiro, defendo, proclamo a independencia da vontade civil, legitima e tradicional, com oitocentos anos de existencia, e que corre o perigo de ser subvertida, não pela doutrina da pastoral e do Concilio—entendamos!—mas pelas interpretações que lhe podem dar bispos e vigarios, parocos e reitores, alargando-a, estendendo-a, arbitrariamente estabelecendo onde fica o limite, e isto sem que a autoridade constituída civil e legitima intervenha, porque se parte do principio de quem agora manda tudo são os bispos.

Os aspectos moral, social e economico da questão—pois no aspecto religioso por mim proposto estivemos de acôrdo—não ficaram abalados com a doutrina dos três artigos.

Uma observação apenas: a pastoral proíbe a venda de medalhas, imagens, mortalias, cera ou outros objectos, como proíbe colocar mesas de pedreiro dentro das igrejas. Admiravel! Mas ao contrario do que o articulista deixa pressupôr, isto nada tem que ver com o aspecto economico das romarias e festas populares. Tratava-se de uma especulação, na regra, e o bispo ou bispos, acabou com elas. Admiravel outra vez.

Quanto ás festas, ao seu paganism, á sensualidade, ás baixas deshonestidades» (expressão de um dos artigos) Santo Deus!—como ao cabo de tantos seculos de romarias religiosas e profanas, ingenuas, deliciosas, simples, por vezes infantis, se calunia o Povo!

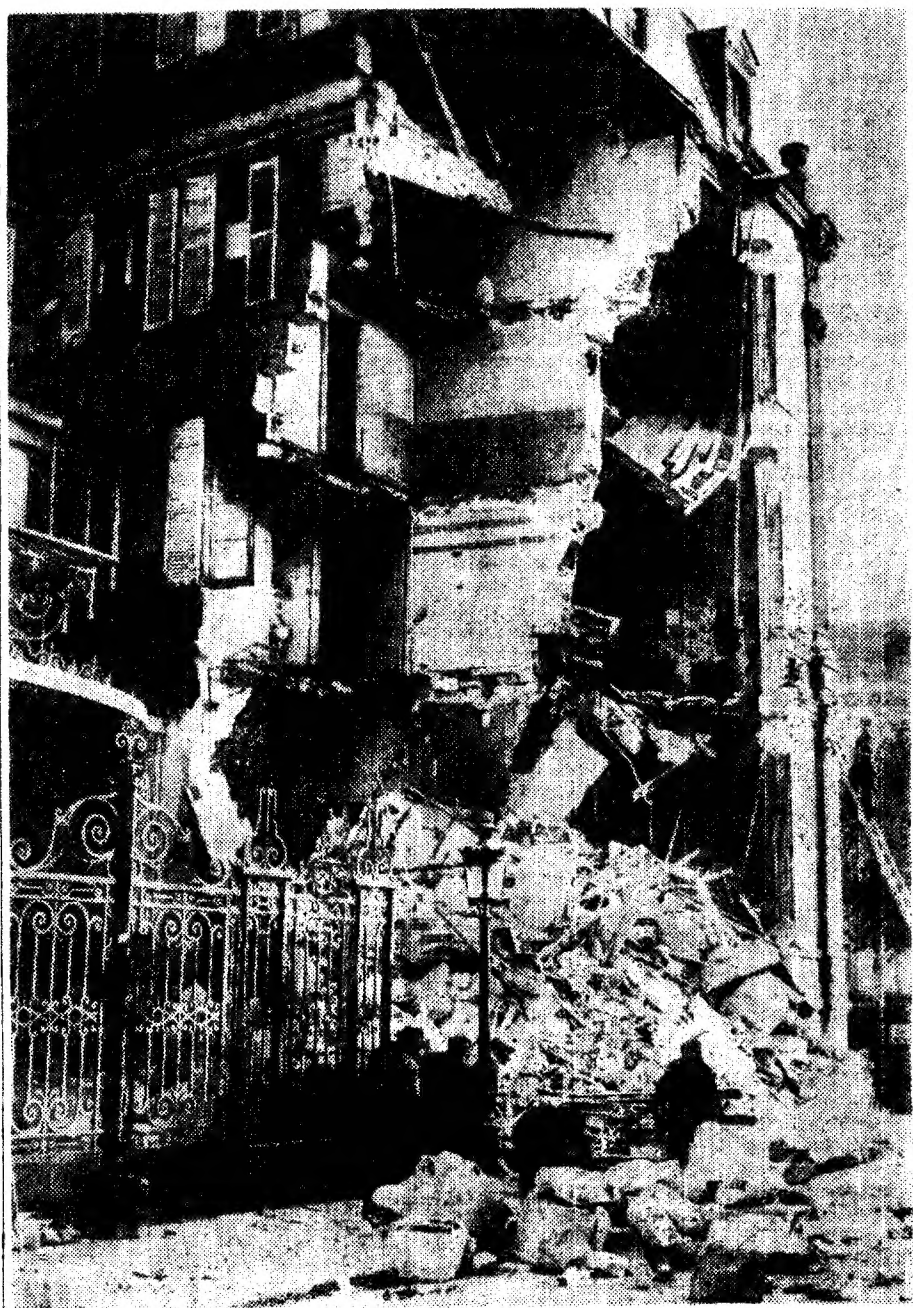
E é isto—vêem?!—é isto que me levou a escrever aquele apagado artigo: as interpretações forçadas, a falta de poder observador, a má informação surda ao bom prelado que não vai aos arraiais e cura de ouvido, etc., etc.: tudo isto, com o «balanço» adquirido» faz que as festas do povo por esse Portugal além, mesmo fora da alçada do poder espiritual, comecem a correr o risco de ficarem a ele sujeitas—afirmo alto que aqui e ali já estão!—em nome de uma moral que o povo nunca ofendeu! (Não nos venham com os casos esporadicos, porque muitas seriam as contas dos nossos rosarios).

Mas eu salto, como digo, sobre tantos periodos da triplice replica dignos de analise, e repito sempre: «a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus».

Ficaria mal com a minha consciencia se não agradecesse as expressões amáveis dirigidas ao «articulista» desta Pagina e é-me grato reconhecer que o jornalista das «Novidades», sabedor e distinto (como claramente se nota, sem preocupação lisonjeira da minha parte) colocou a questão com muito apurmo. Inibido de livre exame, ele não podia fazer mais.

NORBERTO DE ARAUJO

O TERRORISMO EM PARIS



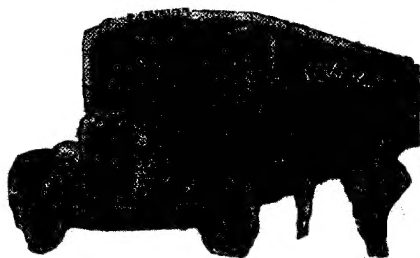
Um aspecto do edificio da Confederação Geral do Patronato francês, depois de destruido pela explosão duma bomba de relógio que provocou também a morte de dois agentes da Policia. O governo Chautemps, em consequencia desse grave acontecimento, vai apresentar ao Parlamento um projecto de lei estabelecendo o novo regime para a entrada e permanencia dos estrangeiros em França, a qual implica medidas rigorosas de inspecção



LONGINES

Sempre na vanguarda das boas marcas

10 GRANDS PRIX



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carrões especiais para mobilias.

Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7

R. S. Julido, 34, 36

Telef. 1854

Telef. 2 7200

DESPORTES

2.º «Rallye» á Figueira

Encerra-se hoje, na sede do Club dos 100 á Hora, na rua das Chagas, 35, a inscrição para o 2.º «Rallye» á Figueira da Foz, que este clube leva a efeito no próximo domingo.

A inscrição é de 50 e 75 escudos respectivamente para os socios e não socios do clube organizador. As partidas effectuam-se, de Lisboa, Porto e Figueira da Foz. O clube oferece a cada concorrente um convite para a ceia á americana que se effectua no Casino Peninsular.

Já se encontram inscritos os seguintes automobilistas: Luiz Bezelga, Manuel Nunes dos Santos, Antonio José Lousa, Antonio Leitão de Oliveira, Armando Dionisio, Antonio Luiz Ferreira, Maria Sequeira, José Emidio da Silva, Pedro Joaquim da Silva, dr. Carlos Melo de Freitas, João Costa, Tomaz Marques, Luiz Clington Lobo, João Gellweiler, Julio B. de Sousa e Henrique Caiano Varanga.

Sporting Club de Portugal

Na secretaria do Sporting Club de Portugal, encontra-se aberta a inscrição para todos os associados que desejarem representar o Sporting em «football» e «handball». Os treinos de «handball» realizam-se todas as quintas e domingos, respectivamente, ás 7 e 9 e 30 horas.

Club Internacional de Football

Na secretaria do Club Internacional de Football, na rua do Jardim do Regedor, 5, 3.º, encontra-se aberta a inscrição para os socios que desejem representar o clube em «basket ball», na próxima época, tendo já começado os treinos no campo desta secção, em Sete Rios.

Sporting Club Oeiras

Realizam-se nos próximos dias 18, 19, 25 e 26 do corrente mês os campeonatos de «lawn-tennis», para senhoras e homens singulares—homens pares e principiantes, nos magníficos «courts» do Sporting Club Oeiras. A avaliar pelas inúmeras inscrições já feitas, nas quais se contam «raquettes» consagradas, tudo indica que os efridos campeonatos tenham uma grande animação e um invulgar brilhantismo.

Além dos valiosos premios para os vencedores e finalistas, resolveu a comissão organizadora deste torneio instituir outros premios de consolação para os eliminados na 1.ª volta.

As inscrições podem fazer-se nos «courts» em Santo Amaro de Oeiras, e na Casa Spil, em Lisboa, e encerram-se amanhã, sexta-feira, pelas 20 horas.

Informações telegraficas do estrangeiro

BERLIM, 16.—A federação dinamarquesa de «football» convidou a selecção da Alemanha a participar num torneio internacional, que se ha de realizar em 18 de maio de 1939, por ocasião do 50.º anniversario da federação. Além da Alemanha, tomarão parte n'ela a Noruega, a Finlândia e a Inglaterra.—(D. N. B.).

LONDRES, 16.—O pugilista alemão Walter Neusel foi contratado para um encontro com o neo-zelandês Maurice Strickland, a realizar em 19 de outubro, na arena Wembley de Londres. Strickland, depois de regressar da sua viagem á America, já venceu Baerlund.—(D. N. B.).

Repressão do trafico de mulheres

O «Diário do Governo» publica hoje o seguinte aviso:

«Por ordem superior se faz publico que, segundo informa o secretario geral da Sociedade das Nações, o enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, delegado permanente da Grecia junto da Sociedade das Nações, depositou no Secretariado, em 20 de agosto de 1937, conforme as disposições do artigo 6.º da Convenção internacional relativa á repressão do trafico das mulheres maiores, assinada em Genebra a 11 de outubro de 1933, o instrumento de ratificação por sua majestade o rei da Grecia á referida Convenção.»

Por combustão expontanea

ardeu grande quantidade de amendoim

Por combustão expontanea, declarou-se esta manhã incendio numa grande quantidade de amendoim armazenado na Sociedade de Sabões, á rua de Marvila. Compareceu prontamente o pessoal da 4.ª companhia do Batalhão de Sapadores Bombeiros, verificando-se que o fogo só poderia ser extinto depois de removido todo o amendoim. Dedicou-se a essa tarefa desde logo o pessoal daquela empresa, ficando a trabalhar simultaneamente um auto-bomba.

Para um estudante pobre

Para o estudante pobre a que ha dias nos referimos, recebemos de «Uma leitora» a quantia de vinte escudos.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Marquesa de Tancos, condessa da Esperança, D. Eponina Zenha Mackee, D. Guilhermina Sofia Machado de Lima e Cunha, D. Luiza Maria de Abreu e Meneses Pereira da Cunha, D. Maria Tereza Henriques de Lancastre (Alcavovas), D. Maria da Conceição Seabra da Camara, D. Maria Antonieta Duff Burnay de Mendonça, D. Maria Inês de Almeida e Noronha de Azevedo Coutinho (Peniche), D. Maria Angela Ressano Garcia Enes, D. Maria do Carmo Pereira de Lima, e D. Flavia de Almeida Noronha Alves.

BAPTISADOS

Na paróquia da Encarnação, celebrou-se, presidido pelo reverendo conego Antonio Miranda de Magalhães, o baptismo da menina Maria Rafaela gentil filha da sr.ª D. Maria Ana Cabedo Garcia de Falcão Machado e do distinto professor do liceu sr. dr. Joaquim Fernando Falcão Machado, servindo de madrinha a sr.ª D. Adelaide Augusta Marchante Tavares e de padrinho o sr. Joaquim Florentino Tavares.

CASAMENTOS

Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Perpetua Ribeiro Pacheco Nobre, gentil filha da sr.ª D. Ana Perpetua Ribeiro Pacheco Nobre e do sr. José Pacheco Nobre com o sr. Alberto da Costa Mano Teixeira, filho da sr.ª D. Gertrudes Mano Teixeira e do sr. João Teixeira, servindo de madrinhas a sr.ª D. Antonia Perpetua Ribeiro Pacheco Nobre e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. dr. Manuel Pacheco Nobre e o pai do noivo.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finissimo lance, da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas prendas para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

A CARIDADE

Em Caracavelos

E' na tarde de domingo, 19 do corrente que se effectua no campo de «football» da Quinta Nova, a annunciada «gincana de automoveis» de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, leva a effecto, da qual fazem parte D. Aida Peig, D. Beatriz de Mendonça, D. Conceição Botelho, condessa de Vale de Reis, D. Helena de Carvalho Moraes Cardoso de Meneses, D. Maria do Carmo Vilal da Camara, D. Maria da Conceição de Melo Breyner Cabral, D. Maria Emilia da Afonseca, D. Maria Ermelinda Norton, D. Maria Manuela de Orey, D. Maria da Natividade da Camara (Belmonte) e D. Sinda de Vasconcelos, revertendo o produto liquido a favor da Casa de Trabalho para Raparigas e da Cheche de Caracavelos.

A inscrição para a «gincana» em que serão disputados artisticos premios faz-se na sede do Automovel Club de Portugal, em Lisboa ou junto da comissão, em Caracavelos.

VERANEIOS ELEGANTES

Caldas da Felgueira, 14 de Setembro

Meu caro Vasconcelos—Agradeço-lhe muito o favor que você me fez da publicação da minha carta, sobre uma festa de caridade, que aqui se realizou. Hoje aproveito para lhe dizer que continua aumentando todos os dias a frequência desta bela estancia termal, tendo chegado ultimamente ao Grande Hotel Club as seguintes pessoas:

D. Joana Chaves Hintze Ribeiro e irmã, D. Henriqueta Moreira de Almeida, D. Luiza Grande, D. Eliza Castanheira de Moura, D. Alice de Lemos Mota Costa, dr. Manuel Mimoso, D. Ema Calisto, Antonio Castanheira de Moura, D. Eliza Araújo, Antonio Araújo, D. Maria Manuela Fonseca, Antonio dos Santos Fonseca, D. Maria Helena de Macedo e Brito, D. Irene Costa Tavares, Antonio Tavares, dr. Sacadura Cabral e familia, D. Irene Garcia, L. Sagard, José de Carvalho Amaral, D. Maria de Lourdes de Sousa Azevedo de Noronha, D. Nuno de Noronha, D. Maria José Correia Salgado, Antonio Fernandes de Oliveira Salgado, José Borges da Silva e esposa, D. Laura Valente Pereira, D. Maria Luiza Correia Salgado, Filipe Maria Caiola, D. Alice Ferreira, D. Maria Dias Ruivo, Gustavo Pinheiro Chagas e esposa, engenheiro Monteiro Pinto e esposa, José Rino, Barbosa Frias e esposa, dr. Carlos Fuzeta, Antonio Ferreira Bacelar e esposa, general Roma Machado e esposa, dr. João Duarte Cabral Miranda, etc. Até outra vez, o seu amigo.—Manuel.

NA COSTA DO SOL

No Tamariz

A manhã de domingo na esplanada Tamariz, no Estoril, foi como as anteriores elegantemente concorrida, tendo havido além do costumeado aperitivo para o almoço, concurso de fatos de banho, penteados e pijamas, entre miúdos, em que foram classificadas, respectivamente as seguintes crianças:

1.º, Antonio Sarmiento Rebelo, 2.º, Hans

Becken e 3.º, José Miguel Cabedo; 1.ª, Maria Izabel Barcelos, 2.ª Maria del Pilar Saadeld, 3.ª Leila Zaguri Contreiras, 4.ª Maria Tereza Calheiros, 5.ª Maria Tereza Bastos Gonçalves; e do ultimo 1.ª Margarida Macieira, e 2.ª Natércia Costa, recordando-nos ter visto na assistência além de grande numero de familias estrangeiras, as seguintes senhoras da nossa melhor sociedade:

Marquesa de Viana, condessa de Castelo Mendo (D. Rita), baronesa de Almeirim e filha, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Adelina Machado Santos, D. Mariana Corrêa de Sampaio de Seabra e filha, D. Maria Luiza Teles Guedes, D. Inês Barroso Gomez, D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmiento Cohen, D. Lucrecia Oliveira Cezar e filha, D. Maria Cristina Delgado Olavo, senhora de Paiva de Andrade, D. Sara Burnay Paiva de Andrade e filhas, D. Felizmina Canas Cardim, D. Tomazia Canas Ereira e filha, D. Filomena Larmarão Vieira da Rocha, D. Sara Leão da Fonseca, D. Raquel Ferreira, D. Palmira Maldonado Fuschini, D. Maria Fernandes Costa, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Ida Xavier de Brito Barata, D. Tereza Blanch de Sousa Gomes e filha, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Maria Tereza Borges de Sousa Ferreira, D. Maria Borges de Sousa Estacio, D. Horminda Pereira Cardoso e filha, senhora de Auziello e filha, D. Adelaide Bramão, D. Julia Assis de Brito, D. Ernestina Soares de Albergaria Nunes de Carvalho, D. Berta Bastos Mendes e filha, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Julia Camacho Santos, D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Camara, D. Maria Francisca da Camara Pinto Basto, D. Amelia Santa Rita Gomes Neto e filha, D. Maud de Mendonça, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte e filha, D. Aida da Fonseca de Sousa Rego, D. Maria da Conceição Assis de Brito, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Jacinta, D. Gomes Barbosa e filha, D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira, D. Maria da Assunção Possollo Pellin, D. Maria Pellen Campos de Andrade, D. Alice Sousa e Melo e filha, D. Ana Caró de Sousa, D. Maria Luiza Tavares Rosa, D. Maria Abrantes Pinheiro Chagas, D. Lia Flora de Meneses Moreira e filha, D. Maria Luiza de Mascarenhas e Meneses Alcobia, D. Margarida Queriol Macieira, D. Maria Adelaide de Barros da Costa Serra, D. Merita Abudharham Abecassis e filha, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria Rio de Carvalho e filha, D. Maria da Costa Lobo, senhora de Carlos Smith, D. Estrela de Carvalho Papulim, senhora de Rau, D. Maria da Graça Iglezias Viana Roquete, D. Maria Luiza Bramão Pais do Carmo e Cunha, senhora Francisco José Simões, D. Sofia de Campos Henriques de Almeida Costa, D. Izaura de Castro Araujo de Santana, D. Lucinda Eugénia Pereira Cantarino e filha, D. Berta Rosa Limpo Sena, D. Luiza Maria Machado Perry Vidal e filha, D. Alice Borges Oliveira Pires, D. Corina Rosa Lima, D. Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Tergal, D. Maria Amelia Lucas Torres de Faria e filha, D. Natalia Zaguri Contreiras, D. Rosa Barroso de Matos Cid e filhas, D. Semi Zaguri Cães, D. Raquel Vieira de Matos e filha, senhora de Mario Formigal, D. Maria Flora Bastos Amaral Ozorio, senhora de Alberto Formigal, D. Maria Luiza e D. Fernanda Velasco de Oliveira, D. Judite Benjamim Pinto, D. Fernanda de Lancastre (Louzã) D. Maria Dorotea Pereira de Lacerda, D. Maria da Guia Ferreira Patricio, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, D. Maria José Canas da Costa e Silva, D. Maria Maxima e D. Maria Izabel Arriaga Tavares, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, D. Maria de Almeida de Orey, etc.

NA CURIA

Recita de Caridade

Promovida por uma comissão de senhoras, á frente da qual se encontra a eminente artista D. Palmira Bastos, realiza-se no próximo sabado, no salão de festas do Palace Hotel da Curia, uma interessante recita de caridade, cujo produto reverte á favor dos pobres daquela estancia de turismo.

O programa da encantadora festa, que está já despertando invulgar interesse na Curia e entre as familias da nossa primeira sociedade, compreende a representação de duas lindas peças em um acto, por amadores, algumas demonstrações de ilusionismo por mr. D. E. e recitativos em que tomará parte D. Palmira Bastos.

Para esta recita de caridade, que se destina a obter assinalado exito, marcam-se desde já bilhetes na direcção do Palace Hotel da Curia.

EM VIAGEM

Com o neto, regressou da praia da Granja seguindo depois para a sua casa em Biarritz, a sr.ª viscondessa de Coruche (D. Maria).

—De regresso da sua digressão pela Europa, está no seu solar da Sobreira, perto de Arganil, com sua esposa, a sr.ª D. Maria Margarida Pignatelli Teles de Vasconcelos de Aguiar,

o distinto advogado e deputado da Nação sr. dr. Antonio de Aguiar.

—Acompanhado de sua esposa, D. Maria Luiza Teles Guedes, e seus filhos, está no Palácio Hotel do Estoril, o sr. Casimiro Teles Guedes.

—Para as suas propriedades no Alentejo, onde foi á abertura da caça, partiu o distinto advogado sr. dr. Alfredo Ary dos Santos.

—No Palácio Hotel do Estoril, encontra-se com sua esposa, a sr.ª D. America Rocha Melo e sua filha, o sr. Manuel Rocha Melo.

—Está no Buçaco, acompanhada da sr.ª D. Virginia Caleja, a sr.ª D. Adelaide Ogueia Caldeira, viúva do sr. Manuel Caldeira.

—Em viagem de recreio partiu hoje para Espanha, França, Belgica, Holanda e Inglaterra, o sr. Joaquim Nobre, socio da empresa União de Sucatas, Lda.

Celebra-se este ano em Elvas

o segundo centenario das grandes festas ao Senhor Jesus da Piedade

Foi ha duzentos anos, a 20 de setembro de 1737, diz a lenda que junto a uma oliveira, nos lindos campos dos arredores desta cidade appareceu a uns camponeses a imagem de Jesus Cristo de Fé, e que os homens e mulheres que compunha o grupo de trabalhadores rurais ajoelharam ante essa imagem. Correram á cidade, a participar a aparição, quasi toda a população correu para o sitio onde os camponeses viram Jesus. Já lá não estava, e então, chamando-lhe o Bom Jesus da Piedade, a população de Elvas, resolveu construir um pequeno santuario no local onde a imagem foi vista.

A crença nos milagres do Nazareno deu brado não só no Alentejo, como na propria Espanha.

Com avultadas esmolas e subscrições publicas, construiu-se uma bonita igreja e transformou-se o extenso olival num lindo parque.

Logo a seguir á aparição da imagem, o povo elvensen entregou-se no olival á alegres folgadas entoando canções, todas dedicadas a Jesus. E desde então sempre cheias de impoñencia e brilho, as festas ao Senhor da Piedade nunca se deixaram de fazer. O povo espanhol tem tanta Fé no Senhor Jesus da Piedade que ainda ha quatro anos a familia do então presidente Alcalá Zamora veio ao Santuario entregar um avultado donativo em cumprimento de um voto. Dois grandes salões anexos á igreja mostram os quadros dos milagres do Senhor da Piedade.

E' uma interessante exposição. No local destinado aos quadros antigos, vêm-se alguns já muito velhos e rasgados. Foi quando da invasão francesa. Os soldados de Napoleão, na mira de dinheiro, rasgaram os quadros, julgando que houvesse valores ocultos por eles.

A Camara Municipal desta cidade e todas as forças vivas colaboram este ano nas grandiosas festas,—que são das maiores romarias do País.

Além dos arraiais que são cheios de grande alegria ha solenidades religiosas, com a procissão dos cirios, touradas, fogos de artificios, exposição agricola, feira franca de S. Mateus, illuminações e milhares de lampadas electricas e um desafio de «foot-ball» entre «equipes» do Sport Lisboa e Benfica e Sporting Club. As festas principiam no dia 19.

O chefe do distrito na Lourinhã

No proximo dia 26, pelas 14 horas, o sr. tenente-coronel Lobo da Costa, illustre governador civil de Lisboa, visita oficialmente a Lourinhã, a fim de inaugurar alguns grandes melhoramentos publicos e de presidir a uma sessão de preparação eleitoral e de defesa do Estado Novo. Estão preparadas grandes festas em sua honra.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada Rua do Carmo, 58, 2.º—Telefone 2 6195

Dr. Armando Narciso—Medicina, Coração e pulmões—5 h.

Dr. Bernardo Vilar—Cirurgia Geral, operações—5 h.

Dr. Miguel de Magalhães—Rins e vias urinarias—12 ás 2 h.

Dr. Correia de Figueiredo—Pele e sifilis—5 h.

Dr. Loff—Doenças nervosas, electrotetrapia—2 h.

Dr. Mario de Matos—Doenças dos olhos—2 h.

Dr. Mendes Bello—Estomago, figado e intestinos, 3 h.

Dr. Silva Nunes—Doenças das crianças—5 e 30.

Dr. Casimiro Afonso—Doenças das senhoras, operações—2 h.

Dr. Francisco Calheiros—Garganta nariz e ouvidos—4 h.

Dr. A. Carvalho Dias—Nutrição e impaludismo—4 h.

Dr. Armando Lima—Boca e dentes, protese—12 h.

Dr. Aleu Saldanha—Raio X—4 h.

ANALISES CLINICAS

Os ruídos nocturnos de Lisboa

Em Paris é proibido buzinar das 11 da noite às 7 da manhã

Do sr. Guerra Maio, nosso apreciado colaborador e amigo, recebemos a seguinte carta:

«Meu caro director: — Por vezes, os jornais têm feito referencia ao barulho nocturno em Lisboa e á pouca consideração que existe pelo repouso alheio. Parece, porém, que o problema é de difícil solução, pois creio que nada ainda se fez para minorar o sofrimento daqueles que são vítimas das buzinas dos automoveis e das conversas em voz alta, a horas mortas.

Para minha infelicidade, instalam-me desta vez, no hotel em que costume hospedar-me, num quarto da fachada principal do edificio.

Tem sido uma cousa horrivel, e compreendo agora a razão por que, um amigo meu e brilhante jornalista francês, que ha pouco esteve e pela primeira vez em Portugal, teve de fugir para uma pacata praia dos arredores de Lisboa, a fim de poder dormir. Nas suas crônicas para um grande cotidiano de Paris, o distinto jornalista fez este comentario: — «Lisboa é uma cidade onde o barulho nas ruas, a altas horas da noite, toma proporções dum inferno. Ninguém pode dormir, porque os motoristas encaregam-se de lhe tirar o sono, tocando as buzinas cada dez metros andados».

Supus que isto era um exagero, mas ontem, ás duas da manhã, tive, da janela do meu quarto, uma dolorosa confirmação daqueles comentarios.

Os automoveis seguiam num buzinar de aldeia sertaneja, em dia de mercado. Uns para chamar os clientes, como se eles fossem surdos e cegos, e outros certamente para não perderem o costume.

Ora, eu tenho pela classe dos motoristas de taxis, uma profunda simpatia, desde o dia em que os «palhinhas» nos libertaram da carestia incomportável dos automoveis de praça—simpatia que se tem acentuado, pela sua urbanidade e correcção. Mas não posso deixar de lamentar que não tenham em devida conta o repouso dos outros.

Parece-me, porém, que um meio havia de libertar Lisboa do ruído implacável das buzinas dos automoveis. Reduzi-las, por lei, ao silencio, como ha muito se fez em Paris, onde é proibido tocá-las desde as 11 horas da noite ás 7 da manhã.

Nesse periodo, os automoveis andam devagar e quando algum pião atravessa a rua despreocupadamente o motorista, em vez de tocar a buzina, mete o pé ao travão. O esforço é o mesmo e deixa-se dormir quem dorme. Faça-se isso e recebemos, o autor ou autores da lei e os motoristas, as bençãos da cidade inteira.

Seu amigo gratissimo, Guerra Maio».

INSTRUÇÃO

Escola de Rodrigues Sampaio

Na Escola Commercial de Rodrigues Sampaio está aberta a matricula para o curso complementar de Estenografia e Dactilografia (Curso Parlamentar) criado pelo decreto n.º 24.944, de 10 de janeiro de 1935. A matricula é reservada aos diplomados com o curso complementar de commercio, que nos exames de Estenografia e de Dactilografia tenham obtido pelo menos a classificação de 12 valores.

Escola de Veiga Beirão

Na Escola Commercial de Veiga Beirão continuam abertas as matriculas, para as poucas vagas existentes nalgumas turmas. Todos os antigos alunos matriculados até esta data e que não puderam matricular-se em todas as disciplinas que desejavam, deverão comparecer de novo na Escola, a fim de se matricularem conditionalmente nessas disciplinas. Igualmente os pretendentes á primeira matricula do curso nocturno poderão fazer a sua matricula conditional.

Instituto Commercial de Lisboa

O prazo para a entrega de documentos para a matricula no Instituto Commercial de Lisboa, o qual se destina a formar contabilistas, é de 16 a 30 do corrente, recebendo-se dentro do mesmo prazo os documentos dos candidatos a exame de admissão.

Café Restaurante-TAVARES

LAGOSTAS vivas ou cozidas fornecem-se para fora. Kilo 12\$00.

Todos os dias, Lagosta á Americana, Lanches para casamentos e banquetes.

Aviação comercial e de turismo

As principais cidades do país vão ter carreiras aereas de passageiros e mercadorias



Dr. Nuno Rodrigues dos Santos

Presidente da Comissão Executiva da CETTA

Sempre que surge uma idéa patriótica ou uma iniciativa que precisa acarinhada logo o «Diário de Lisboa» se apressa a dar-lhe o seu concurso desinteressado, a estimular boas vontades quando se revelam.

É este o caso da Cooperativa de Excursões e Transportes Terrestres e Aereos a que corresponde o abreviado CETTA, já com os seus estatutos aprovados, fazendo parte os seus dirigentes de nomes da maior respeitabilidade e representando garantia segura de qualquer empreendimento. Animados apenas, pelo desejo de dar a conhecer aos nossos leitores quais as finalidades desta nova organização, o jornalista foi em busca de informes á sua sede na Rua da Gloria n.º 4, 1.º.

Atende-o, gentilmente, o sr. dr. Nuno Aires Rodrigues dos Santos, presidente da Comissão Executiva da CETTA, que, inteirado dos motivos da nossa visita, nos elucida:

—«A nossa Cooperativa tem por objectivo a instalação de carreiras aereas no país, para transporte de passageiros, mercadorias e correio. Propõe-se, também organizar periodicamente largas excursões ás regiões mais curiosas do continente português, ás Colonias e ao estrangeiro.

—E quais as primeiras carreiras a inaugurar? — Perguntamos interessados.

—Começaremos, é claro, como está indicado pelas carreiras Lisboa-Porto. Depois, e á medida que nos for sendo possível, iremos estabelecendo outras, que ligarão os principais centros do país. Quanto ás carreiras de transportes terrestres de mercadorias tentamos organizar desde já um serviço rapido de entrega ao domicilio—o chamado serviço «Hora Certa» que ha-de constituir uma novidade entre nós.

—E o que é necessario para que o publico se possa utilizar das vantagens dos serviços da cooperativa?

—Apenas que se integre no nosso organismo associativo; isto é: que adquira a qualidade de socio! Temos diversas categorias de socios como é de calcular: fundadores são os que se inscreverem até 31 de Dezembro do corrente ano com um mínimo de 5 accções do valor nominal de cem escudos; Assistentes os que obtenham gozamos de todas as regalias concedido pelo menos uma accção paga a pronto ou em cinco prestações... Os primeiros gosam de todas as regalias concedidas pelos Estatutos; os segundos, cuja modalidade interessa sobretudo aos comerciantes, disfrutam o direito de utilizarem, por preços excepcionalmente acessíveis, os serviços rapidos de transporte de mercadorias.

—Falou V. Ex.ª na organização de excursões...

—Sim; consta dos objectivos da CETTA e a primeira que levaremos a efeito será a Angola, nas ferias do proximo ano, facilitando-se a inscrição em prestações para os que até essa data não possam pagar de uma só vez.

—E diga-nos, não surgirá qualquer obstáculo á boa marcha desta cooperativa?

—Não! de nenhum modo! Sei a que se quer referir: mas as circunstancias, aqui, são muito diversas. O «parecer» da Procuradoria Geral da Republica tornado publico por uma nota emitida pelo ministerio das Obras Publicas e Comunicações limitou-se a classificar de publicos os transportes colectivos de passageiros projectados pela «Auto-Mecanica» e pela «Cooperativa Portuguesa de Viacção», tornando-os assim incompatíveis com o exclusivo concedido á «Carris». Ora a CETTA propõe-se instalar serviços de transporte de mercadorias ou de passageiros mas por via aerea. Logo, de maneira nenhuma, podem os seus transportes ser abrangidos pelos referidos «pareceres» officiaes.

Concordamos e o nosso entrevistado prosegue:

—Impõe-se que o publico o compreenda, tanto mais que empresas porventura mais interessadas já o compreenderam, como succedeu com a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses com quem actualmente estamos em negociações.

A terminar:

—O indispensavel, entre nós, é vencer a resistencia de certos factores entre os quais avulta o retraimento do publico alicerçado na sistemática e confiança com que se habituou a encerrar iniciativas que envolvam qualquer modalidade de associativismo. Depois a CETTA não quer viver sozinha—num ambiente carregado de incompreensões e de hostilidades. Ela dispõe-se a apoiar todas as iniciativas alheias susceptíveis de a completarem ou melhorarem. Quere ser um fulcro onde se concentrem e donde irradiem todos os impulsos dados ao progresso do país e á valorização do Homem. A CETTA pretende ser uma verdadeira Cooperativa—no que esta expressão envolve de mais claro e de mais nobre. E perdõe-se-lhe o que haja de excessivo nas suas ambições!.

Assim terminou a amavel palestra com o dr. Nuno Rodrigues dos Santos que não quisimos eprolongar mais para não roubar tempo aos seus muitos afazeres.

Vamos, pois, ter uma organização de portugueses que se propõe com capitais também portugueses, e tendo em vista os superiores interesses da Nação, dotá-la dum importante melhoramento.

Resta que o publico, reconhecendo os intuitos patrióticos da nova Cooperativa não lhe negue o seu apoio antes acorra á inscrição onde o capital encontrará justa compensação, contribuindo para o desenvolvimento da riqueza nacional e dando trabalho a algumas centenas de portugueses. Além disso, encontram-se eleitos para este novo empreendimento figuras de relevo como o sr. tenente-coronel Artur Lobo da Costa, illustre Governador Civil de Lisboa que ocupa a presidencia da Assembléa Geral, dr. Americo Chaves de Almeida, do Conselho Fiscal; engenheiro João Tamagnini de Sousa Barbosa, presidente da Direcção e o dr. Nuno Aires Rodrigues dos Santos, da Comissão Executiva.

Por isto mesmo, é facil vaticinar o grau de prosperidade que o futuro reserva á CETTA, a bem do interesse publico e da Nação.

J. S.

A semana de festas na Costa de Caparica

Com o «Baile champagne» que no passado sabado se realizou no Hotel «Praia do Sol», e que se revestiu do maior brilhantismo, tiveram inicio as grandiosas festas da Praia do Sol, a favor dos pescadores pobres.

No proximo sabado, pelas 16 e 30, realiza-se a gincana infantil para a qual há valiosos premios e já numerosos concorrentes, havendo á noite, no hotel, a distribuição dos premios, seguida de baile.

As provas da gincana, são constituídas por: corridas de obstaculos, de coelhos e de ovos; luta de tracção e das almofadas; cabra-cega e outras.

No domingo começam as festas religiosas com o seguinte programa: Alvorada de 21 morteiros e grande missa campal ás 9 e 30, celebrada nas ruínas do convento junto á capella, cantada pelos seminaristas dos Inglezinhos e com uma guarda de honra constituída por uma lança de terra e mar da «Legião Portuguesa» e de um castelo da «Mocidade Portuguesa». A tarde exposição do Santissimo e grande procissão, que percorrerá as principais ruas da vila, seguindo até á praia.

A noite iluminação, fôrta, verbena e concerto por uma banda de munição.

A 20, há corridas desportivas, e nos dias seguintes arraial.

Nos dias 24 e 25 haverá concurso hipico, que constará de três provas:—a «Omnium» e a «Discipulos» no 1.º dia, e, o «Premio do Sol» no segundo.

A inscrição continua aberta na Sociedade Hipica Portuguesa, que não se poupa a esforços quando se trata de, por qualquer forma, desenvolver entre nós a pratica do desporto hipico, e no Hotel da «Praia do Sol». São valiosos também os premios a distribuir, quer em dinheiro quer em taças, devendo a sua entrega aos vencedores fazer-se na noite do segundo dia do concurso nos salões do hotel. As provas terão inicio ás 15 horas em cada um dos dias marcados.

No dia 26, haverá tiro aos pratos para a disputa de uma valiosa taça de prata. A noite arraial e fogo de artifício.

A todas as festas, já realizadas e a realizar, tem dado o seu patrocínio a gerencia do Hotel «Praia do Sol».

A comissão de elementos locais preponderantes e de banhistas está trabalhando intensamente no sentido de que as «Festas da praia da Costa de Caparica—1937» excedam em interesse e caracter quanto se tem feito em anos transactos. Bem merece esta Comissão pelo esforço que está despendendo e pela boa orientação que a distingue.

Na semana das Festas de 19 a 26 deste mês, os serviços de transportes estão garantidos, em todas as linhas e pelo mar.

—No Cine «Imperio» desta estancia balnear realizou-se ha dias a exhibição do filme «A Fuga de Tarzan». Com este pretexto foi prestada uma homenagem ao simpatico grupo de banhistas «Os Tarzans», rapazes de bom humor e melhor disposição que por aqui espalham a sua alegria. Realizou-se depois um animado baile.

TAUROMAQUIA

Uma garrafeira de caridade em Sintra

Na interessante praça de touros recentemente construída em Sintra, realiza-se, na tarde do proximo domingo, uma linda festa que vai certamente marcar pela sua beleza e pela sua animação.

Uma comissão de illustres senhoras promove, nesse dia, a favor da Escola de Santa Maria, daquela pitoresca vila, uma garrafeira de caridade, na qual tomam parte, toureado a cavalo, D. Carlos de Mascarenhas e Rodrigo de Castro Pereira, sendo também os bandarilheiros e os forcados amadores, pessoas da nossa melhor sociedade.

Por todas estas razões, o «rendez-vous» elegante do proximo domingo vai ser a praça de touros de Sintra.

Sindicato Nacional dos Jornalistas

Tendo o sr. sub-secretario de Estado das Corporações e Previdência Social sancionado a eleição dos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Jornalistas, realizada na assembléa geral de 7 do corrente, foi marcada a posse dos jornalistas eleitos como efectivos e substituidos para o proximo sabado, 18, ás 16 horas, na sede do Sindicato, na rua da Horta Seca, 32, 2.º.

O 2.º Circuito das Gaeiras

MARINHA GRANDE, 15.—O 2.º Circuito das Gaeiras—que se realizou nesta vila, foi ganho por Ildefonso Rodrigues, do Sporting.

Quanto á classificação por «equipes» houve certa confusão, pelo que não se sabe ainda a qual deve ser conferido o primeiro premio.



Não é apenas com uma bonita toilette, com uma linda atitude ou a graça de um gesto, que uma mulher resolve o problema da sua formosura.

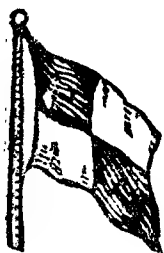
Na escolha de um bom produto de beleza ou de um tratamento eficaz, reside muitas vezes o encanto que torna a mulher atraente e lhe empresta um aroma de juventude tão pouco para desprezar...

Para qualquer especie de maçagens, aplicações ou outros tratamentos do rejuvenescimento e aformoseamento de rosto e da epiderme, tem a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA produtos e aparelhagens modernas especiais que a colocam a par das melhores casas estrangeiras do genero.

Academia Scientifica de Beleza
Lisboa — Av. da Liberdade, 35
Telef. 2 1866

**Atum em Azeite?!
Só TENÓRIO...**
Recomendavel tambem
aos debilitados

POR 5\$00
Semanais, todos podem adquirir Relogios de todas as marcas, joias e objectos de ouro e pratas, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas, podendo o objecto ser adquirido a primeira prestação somente por 5\$00. F. de Sousa Torres, Rua de S. Paulo, 106. Telef. 9509



Companhia Nacional de Navegação

Linha rapida da Africa Oriental e Ocidental
No dia 25 de Setembro, pelas 16 horas, sai o paquete
« **ANGOLA** »

Com destino aos portos de Funchal, S. Tomé, Pointe Noire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e com baldeação em Luanda para os portos de LANDANA, NOQUI, BOMA e MATADI (CONGO BELGA) e com baldeação em Lourenço Marques para os portos de Inhambane, Chinde, Quelimane, Macuse, Pebane, Angoche, Porto Amelia, Ibo e Mocimboa da Praia.

IMPORTANTE: — A carga será recebida até às 20 horas do dia 21 e depois desta data até às 18 horas do dia 24, com o aumento de 20 0/0 sobre o frete, segundo resolução do CONSELHO DE TARIFAS PARA AS COLONIAS DE AFRICA.

Linha da Africa Ocidental
No dia 2 de Outubro, pelas 16 horas, sai o paquete
« **CABO VERDE** »

Com destino aos portos de Funchal, S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Cabinda, Sazaire, Ambriz, Luanda, Dande, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre, e com baldeação em Luanda para os portos de LANDANA, NOQUI, BOMA e MATADI (CONGO BELGA).

IMPORTANTE: — A carga será recebida até às 20 horas do dia 29 de Setembro e depois desta data até às 18 horas do dia 1 de Outubro, com o aumento de 20 0/0 sobre o frete, segundo resolução do CONSELHO DE TARIFAS PARA AS COLONIAS DE AFRICA.

ATENÇÃO: — Os paquetes desta Companhia estão classificados na classe 100A1 do Lloyd's.

Esta Companhia aceita carga nos portos do Norte da Europa, Mediterraneo, e America do Norte, em conhecimento directo para os portos de Africa e com baldeação em Lisboa para os paquetes das carreiras de Africa e vice-versa.

Todas as mercadorias carregadas no estrangeiro, nestas condições, seguem de Lisboa em regime de reexportação, a fim de poderem gozar o beneficio pautal de 20 0/0.

A todos os passageiros que se destinem ao Congo Belga recomenda-se a passagem nos paquetes desta Companhia até Pointe Noire, onde tomarão o caminho de ferro que os conduz ao seu destino.

Para esclarecimentos e mais informações:

Sede, em LISBOA: Rua do Comercio, n.º 85 — Tel. 2 3021. — (6 linhas)
Sucursal, no PORTO: Rua Infante D. Henrique, n.º 73, 2.º. — Tel. 1431.

CONTRA O CALÔR?!

Bebam os vinhos verdes da REAL COMPANHIA!

ESPECIAL (tinto) em garrafas

AMARANTE (tinto) em garrafas e 1/2 gfs; em botijas e 1/2 bot. de vidro

BASTO (tinto) em botijas e 1/2 bot. de vidro

AGULHA (tinto e branco) em botijas e 1/2 bot. de barro.

Em garrações de 5 litros

ESPECIAL (branco e tinto)

Vendem-se nas boas mercearias, restaurantes e hotéis de Lisboa Sintra e Costa do Sol.

Pedidos á FILIAL

Rua do Alecrim, 117 — Telef. 2 2556

Todos os nossos produtos são postos de nossa conta no domicilio do cliente em Lisboa.

Ennor, L. da

Transportes por
domicilio a



Sucessor

camionagem
domicilio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos

Transportadora das melhores Empresas do Pais

PORTO

Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa)
Telefone 6102

LISBOA

Rua Gilberto Rôla, 8 (a Alcantara)
Telefone 2 4792

Empresa de Transportes BRAGA

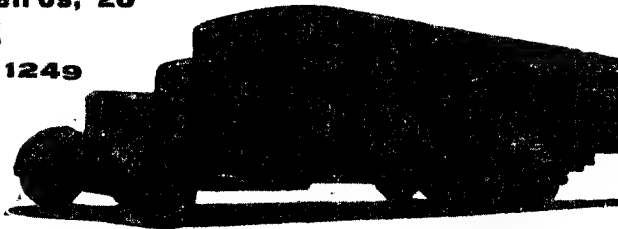
Rua dos Correios, 28

LISBOA

Telefone 2 1249

**Camions,
Camionetes
e Carroças**

Para todos os generos de
transporte em Lisboa e em
todo o pais



Servico especial de Mudanças

SOFRE DO FIGADO?

tome chá de

Hypiricão da Bolivia

Vende «PEROLA DE S. DOMINGOS»

Rua dos Correios, n.º 331 — Tel. 22678 — LISBOA

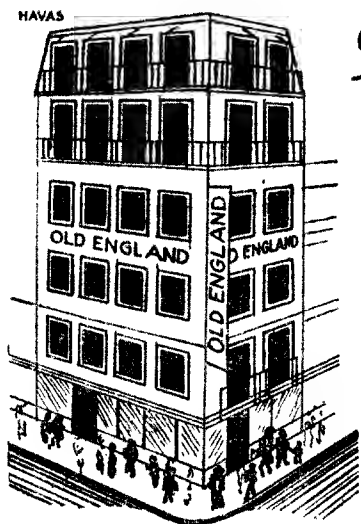


PARTERIA
ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA



Para pintar exteriores

Deixe-se de experiências com quaisquer tintas porque é perder tempo e dinheiro. Aplique «Sylure», o esmalte ideal que resiste, como nenhum outro, a toda a acção do tempo — sol, chuva, etc.

Não sai caro porque tem maior duracção e poder de cobertura do que as outras tintas. Valoriza a propriedade e dá-lhe um magnifico aspecto. Siga o exemplo da Casa OLD ENGLAND, de Lisboa. Para pintar todos os exteriores — não hesite! — use a tinta inigualável e de confiança:

«SYLURE»

É UM PRODUTO ROBBIALAC

SOC. ROBBIALAC, LDA.

R. Nova do Carvalho, 15, 1.º — Lisboa

XXI EXPRESSO POPULAR

de Lisboa a Setubal

DOMINGO, 19 DE SETEMBRO

Ida e volta, 6\$00

Horario: Lisboa-T. Paço, part., 10,00. Setubal, cheg., 11,25; part., 21,50. Lisboa-T. Paço, cheg., 23,15.

XXII EXPRESSO POPULAR

de Lisboa ao Luso

EM 19 DE SETEMBRO

Ida e volta, 32\$00. Marcação de lugar, 2\$50.

Horario: Lisboa-R. part., 8,10; Entre Campos, part., 8,22. Luso, cheg., 12,14; part., 20,55. Entre Campos, cheg., 0,59; Lisboa-R., cheg., 1,11.

Bilhetes á venda nas Informaçoes da estação do Rossio. Esclarecimentos no Serviço do Tráfego da C. P. — Santa Apolonia — Telefone 2 4031.

VI EXPRESSO-POPULAR

do Porto á Figueira da Foz

domingo, 19 de Setembro

Este comboio admite passageiros para Coimbra-B.

IDA E VOLTA 25\$00

Horario

Porto..... partida... 7-10

Coimbra-B. chegada... 9-46

FIGUEIRA... { partida... 10-47

Coimbra-B. " partida... 20-50

Porto..... chegada... 21-49

Porto..... chegada... 0-15

Esclarecimentos e venda de bilhetes na Estação do Porto — Telefone 1722.

ASSINATURAS DE VERÃO DO

Diário de Lisboa

Para facilitarmos a aquisição do nosso jornal ás pessoas que vão residir para as praias, termas ou campos, abrem-se, desde já, na administração do «Diário de Lisboa», assinaturas por 10, 20 e 30 dias, mediante pagamento adiantado ou a remessa da respectiva quantia.

10 dias 4\$00

20 dias 8\$00

30 dias 12\$00



**CONDESSA DE SANTAR
FALECEU**

Os Condes de Santar, Antonio Vasco José de Mello, D. Maria Quiteria Gil de Borja de Mello, os Viscondes de Taveiro, D. Maria Thereza de Lancastre de Mello, os Marquizes de Lyerta participam o falecimento da sua querida Mãe, Sogra, Avó, Bisavó, Irmã e Cunhada e que o seu funeral se realizou hontem, dia 15, ficando o seu corpo depositado no seu jazigo no Cemiterio dos Prazeres.

MAGNO

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271



O grande transatlântico «Leviathan» foi comprado por uma empresa americana, para ser demolido. O «Leviathan» é o antigo paquete alemão «Vaterland», que, no princípio da conflagração euro-

em guerra. Tem sessenta mil toneladas e, apesar da sua antiguidade, é um dos maiores navios do mundo. O «Vaterland» foi confiscado, em 1918, pelos americanos, e desbaptizado. Vai agora fazer a sua última viagem, de regresso à Europa, sob a bandeira inglesa, ele que no seu início batia orgulhosamente o pavilhão do Lloyd alemão. É a carencia de ferragens, não necessarias á industria britânica dos armamentos, que explica a sua aquisição. Houve, porém, uma rija competência na transacção. Duas empresas disputavam o «Vaterland» para o converter em hotel flutuante. A marinha de guerra americana também o pretendia para navio-escola. Enfim, o «Vaterland», com as suas toneladas de materias primas, vai servir a proxima guerra, no aco das espingardas e dos canhões.



Dizem varios jornais americanos que existem nos Estados Unidos cinco milhões de pessoas que esqueceram os seus depositos nos bancos. A totalidade dos creditos não reclamados ascende a 190 milhões

de dolares. A maior parte dos depositos «mortos» é pequena. Os jornais dizem que sessenta e cinco pessoas, não ligam qualquer importancia ás contas de 50 mil dolares, que têm nos bancos. Entre as pessoas negligentes, figura o sr. La Guardia, actual governador de Nova York. Um banco escreveu-lhe nesse sentido, e ele respondeu que, na verdade, havia aberto aos dezoito anos quando estava no exercito, uma conta, mas que se havia totalmente esquecido dela.

O Congresso de Washington vai discutir, brevemente, um projecto de lei que permite ao governo fazer reverter ao Estado, os depositos bancarios abandonados ha mais de vinte anos pelos seus detentores.



Todos os trimestres é editado pelo Instituto de Cooperação Intelectual, um índice de traduções que regista o movimento de todos os países nessa materia.

Os dezassete fasciculos que até hoje apareceram, permitem fazer uma lista de escritores mais traduzidos do mundo. Os três que estão á cabeça dessa lista, são: Stefan Zweig, Edgar Wallace e Jack London. Estes foram já traduzidos em vinte e quatro linguas. Stefan Zweig vence pelo numero de idiomas nas quais as suas obras foram vertidas e Edgar Wallace triunfa pelo numero de traduções.

Depois destes três escritores, seguem-se Pearl S. Buck, Feuchtwanger, André Maurois e Thomas Mann.

TEMAS HISTORICOS

O genio de colonização portuguesa do Brasil

por Antonio Ferrão

O sr. Antonio Ferrão fez no «1.º Congresso de Historia de Expansão Portuguesa no Mundo» uma comunicação sobre o «Genio de Colonização Portuguesa do Brasil», que o eminente professor Mendes Correia, que presidia á sessão, classificou de sobremodo importante e valiosa e que a assistência —entre a qual se encontrava o notavel sociologista brasileiro Gilbert Freire—aplaudiu prolongadamente. É um pequeno enxerto desse trabalho que a seguir publicamos. Nele é focado um importantissimo facto da historia brasileira que—como diz Antonio Ferrão, no proemio—tem sido ultimamente muito estudado por Oliveira Viana, Pandia Calógeras, Vicente Licínio Cardoso, Afonso Arinos de Melo Franco e Alberto Rangel, entre outros.

Um dos factos mais considerados pelos sociologos e historiadores brasileiros é o que se refere á unidade politica do Brasil, em manifesto contraste com o espirito cantonalista das populações americanas de origem espanhola (1).

Esse contraste evidente ainda hoje, e, especialmente flagrante na primeira metade do século XIX, tem levado os historiadores praticos—chamemos-lhes assim,—os teóricos da historia e os sociologos brasileiros a inquirirem, com especial interesse, os motivos de tão estranha diversão politico-social.

É evidente que, por um natural decréscimo do complexo problema, que apresenta aspectos varios segundo os criterios dos interpretes e comentadores, as explicações divergem ao máximo, procurando-as alguns no bátrato das causas insondáveis e das justificações impossíveis.

Não tentaremos—sequer—esquematisar aqui as explicações que se têm dado. Em outra ocasião o faremos—como já dissemos no proemio.

É claro que esse difficil problema historico-sociologico não se resolve recorrendo aos factores lingua e cul-

tura e, muito menos, ao factor religioso, pois, se em Portugal a unidade linguística e cultural era um facto, o mesmo sucedia, mais ou menos, em Castela, a partir de Isabel a Católica, e quanto á religião ela era a mesma nos dois Estados.

Já sob o ponto de vista politico, a identidade das condições e circunstancias em que viviam as duas nações peninsulares não era tão completa.

As tendencias separatistas, cantonalistas, que os monarcas das casas de Austria e de Bourbon conseguiram—quando conseguiram!—dominar, mas nunca eliminar, em Espanha,—porque elas eram condicionadas não apenas por causas geograficas e economicas, mas por verdadeiros imperativos etnicos,—transportadas para as Americas do centro e do sul deram os particularissimos bem conhecidos (2).

Com relação a Portugal nada disso succedeu. Aqui, uma relativa unidade antropologica, com predomínio accentuado de uma raça, prehistorica, dolico-morena, leptorrinica e baixa, e, até, nas regiões de maior densidade emigratoria, leva Fonseca Cardoso a escrever: «Quando olhamos para o mapa das raças europeias de Ripley ou de Deniker, esta população ibero-insular salienta-se, no recanto da península, á beira do Atlantico, como a mais dolicocefala e homogenea da Europa nos seus caracteres somaticos» (3).

É só nos seus caracteres somaticos? Não. O povo português é igualmente homoganeo e coeso pelos seus caracteres etnicos e sociologicos e pela sua vida historica.

É essa persistencia, essa homogeneidade e essa coesão que explicam a resistencia do elemento etnico português em se deixar assimilar, e, pelo contrario, a sua facilidade em aglutinar os elementos estranhos. (4).

É hoje um principio de eugenia, já bem estabelecido, que uma das manifestações caracteristicas dos grupos etnicos homogneos e fortes reside no

facto de, nas raças cruzadas, os mestiços irem pouco a pouco, de geração em geração, regressando ao tipo ancestral mais forte, homoganeo e prolifico. (5).

Parece-nos que é nessas caracteristicas de grupo etnico português que reside a melhor—a mais logica—explicação da unidade nacional brasileira—sequencia fatal, isto é, inevitavel, imperturbavel, da coesão e da unidade do periodo colonial.

Ao contrario de tantos Estados que, sob o ponto de vista moral, talvez nunca consigam ser Nações, com o Brasil deu-se o facto sumamente curioso—mercê do qual facil é vaticinar-lhe um futuro chelo de vitalidade e grandeza: o Brasil foi uma nação muito antes de ser um Estado.

A independencia de 1822 foi a simples sanção de um estado de coisas que já era ha muito psico-social—que o digam a *Ilha de Maré* (1705), de Manuel Botelho de Oliveira; e *Historia da America Portuguesa* (1730), de Rocha Pita; os poemas de Claudio Manuel da Costa; o *Uruguay* (1769), de Basilio da Gama; o *Caramuru*, de Santa Rita Durão; um pouco menos, as obras de Alvarenga Peixoto e Gonzaga,—e que, depois, passou a ser tambem um estado de coisas politico e juridico. Uma unidade espiritual que se completará em unidade constitucional.

Enfim, essa separação de 1822 foi um simple e interessantissimo caso de gemiparidade juridico-politica dentro do grande corpo etnico luso-brasileiro.

ANTONIO FERRÃO

(1) Escarnolle Doria, numa conferencia efectuada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 23 de Novembro de 1909, não se esquece de dizer, ao falar da acção dos portugueses no Brasil: «Deve-lhes o Brasil inestimavel serviço, o de conservar-lhe integro o imenso territorio». O mesmo tem dito Silvio Romero, Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Afonso Celso e varios outros historiadores e sociologos brasileiros.

(2) Angel Ganivet, no seu *Idearium español*, fixa admiravelmente essa caracteristica polimorfa e hiper-individualista dos habitantes do país vizinho, que já anteriormente, ferira Buckle e Galton, e que tem sido salientada por Valentim Almira, Piy Margal, Valera, Posada, Joaquim Costa, entre outros.

(3) Ver os importantes trabalhos do professor Mendes Correia: *Raça e nacionalidade*, *O problema eugenico em Portugal*, *Le milieu géographique et la race*, *Os mestiços nas colonias portuguesas*, *Cariocas e Paulistas*.

(4) É ver a persistencia do nosso alentejano no Rio Grande do Sul (Joaquim Ennes de Campos Junior). Percorrer: *Aspectos Gerais do Brasil*, de Alberto Rangel; *O Brasil*, de James Bryce.

(5) Escarnolle Doria na conferencia citada refere-se á dispersão do elemento português por todo o Brasil, em contraste com as colonias das outras nações—alemaes, italianos, etc.—que se aglomeram em regiões fixas, criando um particularismo ou cantonalismo que a legislação brasileira procura cada vez mais evitar ou neutralizar.

Com relação aos portugueses encontram-se espalhados por Manaus, Porto Alegre, Goiás, Recife, Curitiba, Fortaleza, Natal, Victoria, enfim, por todo o Brasil.



«As varinas de Lisboa», gravura em madeira, de Attia Mendy, duma publicação do S. P. N., distribuida na exposição de Paris.

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Viagens na minha terra

Palmela

Mirante da Estremadura

por Correia da Costa

Na paradisíaca e calma doçura dum dia pulcro de setembro, um passeio á pitoresca vila de Palmela enche-nos a alma de horizontes infindos e o espirito mergulha numa lição secular de historia. Sobranceiro a uma paisagem extensissima que se dilui e perde em tons de verde, esfumados cada vez mais pela distancia, colocado entre dois rios e um oceano onde ambos se perdem numa sinfonia em azul-verde, o castello de Palmela ex-voto gritante e orgulhoso da Estremadura e dos seus campos remançosos e quietos, dum bucolismo virgiliano, descobre-nos coloca-nos diante da retina um dos mais belos, dos mais surpreendentes, dos mais perturbadores panoramas portugueses. Em confronto com o polipico das Portas do Sol, em Santarem com a folha verde, esse espasmo vegetal do Buçaco, poema divino onde os sentidos se perdem num extase sem começo sem fim e infindo como todas as beatitudes ou os estados de alma concentrados, rivalizando com Santa Luzia, retábulo da paisagem feminina e perturbadora em fundos á Veronezo, com o camiliano «décor» de Monté Cordova, em Santo Tirso e podendo sustentar a rivalidade de Sintra, eden bironiano, rapsodia de cor rasgada ante a alma, numa volupia de tons de paisagem em todas as gradações, vista a linha do horizonte extensissimo das pedras sagradas do Castelo dos Mouros ou da Pena, como nos castelos do Reno ou da Baviera colocados sobre rochedos inacessíveis—o castello de Palmela revela-nos um dos conjuntos mais belos, mais viris, mais humanos de paisagem circunvisionada, uma paisagem rude ou mais sinteticamente masculina, varonil para os contrafortes da Arrabida, «apre et splendide» como Maclair chama aos panoramas e campos de Espanha, onde o Tejo por entre rochedos toledanos desliza ainda infante, ainda menino e moço de aguas adolescentes e peregrinas, até passar majestoso e solene diante da grandeza espectral do castello palmelense, sentinela vigilante, quando Lisboa era apenas uma cidade rodeada de muralhas.

A caveira descarnada das suas ruínas, de conhecimento historico anterior á fundação da monarquia e assistindo ás lutas com os mouros em todo o desenrolar da Meia-Edade, patinada de gris, debruça-se sobre as aguas azues e sossegadas do Sado, sobre os campos desse vale extensissimo e uberrimo e alongando a vista, perdem-se os nossos olhos no cenario incomparavel da capital no fundo, ao norte, diante das aguas azul-ferrete do Tejo, seu guardião de sempre.

A todas as horas, desde os amanheceres de luz metálica até aos meios dias incandescentes de sol rutilo, desde as tardes estaticas ás horas de neblina ou de crepusculo, em todas as estações do ano, dos outonos aos invernos, das primaveras aos estios, essa paisagem desnuda-se toda como um corpo feminino, dando-nos a beleza helenica, a linha perfeita dos seus segredos, da sua magia perturbadora, do seu embevecimento extático.

Ao poente, sobretudo, quando no horizonte o sol desfalece em sincopes de luz violeta e sangue derramado, cor de dalia virgem e no espectro solar todas as cores se fundem no agasalho amparador e enfermeiro da bruma crepuscular o castello de Palmela desdobra-nos o écran unico, incomparavel, duma das paisagens mais extensas, mais decorativas e mais fecundantes da parte sul do pais.

O castello de Palmela, essa cidadela heroica de alem, é um dos mais formosos e moiriscos castelos de Portugal, ocupando uma area enorme, com todos os seus expressivos caracteristicos, entre eles a Torre de Menagem, mas que junto a uma vila estreminha, da baixa Estremadura sofreu os vandalismos dos garotos—e de toda a gente—que dia a dia roubavam pedras e azulejos dos reculos XVII e XVIII, maltratavam o seu interior sobretudo o da igreja de S. Tiago, de bela traça e de construção e linhas architectonicas admiraveis, estando durante alguns anos em tal doleixo que andavam pe-

Reconciliação com Aquilino Ribeiro

E' sempre interessante uma reconciliação.

E' que esta supõe necessariamente um acto nobilitante, publico ou intimo, como seja o de nos penitenciarmos de uma falta, confessando-a para obter-lhe escusa, ou o de perdoarmos a de alguém, lavando-a da nossa memoria e do nosso ressentimento.

Ainda que essa reconciliação seja entre pessoas que apenas se houvessem chocado espiritualmente, por diversidade de principios com base num ideal religioso ou estetico, nem por isso tal reconciliação deixa de ser coisa bem interessante.

E' o caso da minha reconciliação com a personalidade literaria de Aquilino Ribeiro.

Acabava o grande prosador de lançar no mercado o seu romance «Via Sinuosa».

A Atlantida, saudosa revista que o alto espirito de João de Barros dirigia e foi recuada achega para o edificio grandioso da aproximação intelectual luso-brasileira, transcreveu, em homenagem ao autor, um capitulo do romance acabado de publicar.

Era, julgo, o capitulo segundo, e como se fôsse hoje, ainda me recordo de quanto a sua leitura me desgostou. Não possuindo os meus dezoito anos a necessaria preparação para saberem distinguir entre o pensador e o artista, vi então apenas em Aquilino o seu pensamento um tanto em dissonancia com o meu credo e não a sua prosa tão genuinamente portuguesa e a sua tão acabada arte literaria.

Como protesto não mais quis ler uma pagina sequer do autor da «Via Sinuosa» cujo capitulo transcrito na Atlantida, me tinha ficado na memoria, como ferrea porta destinada a vedar—julgava eu que para sempre—a entrada do escritor na minha intimidade espiritual.

Mas um dia o Demo leceu-a. Os jornais, em tom alacre como de sinos a festejar aleluias, anunciavam certa manhã o aparecimento da «Aventura Maravilhosa de D. Sebastião» romance por Aquilino Ribeiro.

Ora eu que dedico á memoria do Rei incompreendido uma quasi religiosa admiração e nem uma linha só que se lhe refira quero deixar de ler e guardar na minha estante, logo comprei e sofregamente li a «Aventura» annunciada.

Ah! quanta vez bati no peito, repeso da minha falta para com o autor da «Via Sinuosa».

O grande escritor ha tantos anos a honrar as letras da nossa terra, a ofertar-nos com liberalidades de oriental opulento as riquezas do seu vocabulario e as maravilhas da sua prosa; a servir com devoção de monge a lingua cuja pureza é um dos grandes amores da minha vida, e eu a pagar-lhe com o mais injusto, com o mais ingrato afastamento do meu convivio na republica das letras que tanto preso!

E instintivamente quasi, balbuciei: Perdão, Aquilino!

Essa suplica de perdão que a sós comigo então dirigii ao Artista, venho repeti-la agora mais alto e com compunção maior.

Uma falta confessada, disse alguém, é um erro de menos. Ainda bem que na vasta colecção dos meus, fica, desde hoje, menos um.

E pois que me atrevi a falar de Aquilino, duas palavras mais, somente. Serão elas de agradecimento pelo seu ultimo livro «O Galante Seculo XVIII».

Amador das boas letras, guloso daquela prosa de boa cepa, apaixonado da alta beleza de que é capaz a nossa lingua, sinto que o meu agradecimento não valha, por inferior e bem humilde, como retribuição espiritual ao Artista que tantas e tão valiosas joias sabe cinzelar e no-las oferece com tanta prodigalidade.

«O Galante Seculo XVIII», é das mais lindas e ricas joias que o grande prosador tem cinzelado.

Dirá talvez alguém que esse livro não é inteiramente do prestigioso escritor. Concordo. Os temas são, é certo, do Cavaleiro de Oliveira, mas a prosa—e é por ela que o livro vale—essa é toda e só de Aquilino.

PAULINO DE FIGUEIREDO

lo chão, os velhos ossos dum tumulto dum bastardo da dinastia de Aviz, hoje já felizmente dentro de outra urna de pedra no interior da Igreja votiva de S. Tiago, a cuja ordem militar o castello pertencia.

Um castello, assim, donde se disfruta uma paisagem admiravel com toda a pradaria do Vale do Sado e com Lisboa ao fundo perdida na linha azul-ferrete do Tejo e na linha esfumada do horizonte, merece um carinho condictivo. Ele foi em plena idade-media, teatro constante de lutas moiriscas e tomado e retomado aos moiros, amassada a «terra-patrum» que o circunda com o velho sangue medieval da grei, constitui um dos mais belos monumentos ra raça e sinto sempre nele viver, renascer e palpitar a velha alma lusiada que ali tanto combateu e pelejou, num sonho attingivel de gloria.

Felizmente, esse desleixo mudou e se uma reintegração inteligente dentro de possibilidades dificeis de arquitectura militar se não pode executar, o castello sofreu uma limpeza e uma transformação condignas, constituindo já um meio caminho andado para ele constituir um dos padões mais belos que nós possuímos.

Na hora plena de regresso interior á tradição e á lição da historia, Palmela tem um lugar aparte. Merece a atenção da intelligencia portuguesa que nela meditará, que nas suas pedras avaliará a grandeza da nossa Reconquista. Em varias e constantes visitas, esta paisagem ficou para sem-

pre até se fixar numa tela imovel de memoria um «leit-motiv» das nossas peregrinações estreminhas, visinha como fica da cidade sadina, onde fomos quasi nados e criados. A sua lição moral iguala a majestosa e magnifica extensão dos seus campos uberrimos, dos seus vinhedos cobaltinos, dos seus arvoredos despenteados, dos seus rios que regam e amamentam esse vale com o segredo do seu humus fecundante. Pasmava a tarde de misterio, a ultima vez que nossos olhos se perderam em longas horas de contemplação nesse «décor» rarissimo. A luz violeta e oiro-velho perdia-se no desfalecimento moroso da tarde, uma tarde setembrina, ardente, extatica, embevecida e plena dum silencio sonoro de sons esparsos e ruidos indefinidos. Toda a paisagem sentindo a morte do sol se preparava para as suas exequias em oiro desfalecente e bruma nazarena, cujos tons se perdiam e se fundiam na doçura impalpavel e bela do crepusculo, que tombava desfalecido, no colo amantissimo e viuvo da noite. Ao alto, debruçado num monte quasi inacessível Palmela—o seu castello—recortava-se na linha do céu como um ex-voto, como uma gravura medieval, tinha aspectos feéricos duma alucinação dos sentidos, namorando e compreendendo uma paisagem, um fundo historico de iluminura, como esse que ante nossos olhos se perspectivava maravilhosamente.

CORREIA DA COSTA

Ecos



Recebemos a seguinte carta, assinada por um leitor assíduo, e datada das Caldas da Rainha, que contém uma iniciativa digna de ser ponderada e aproveitada. Ela com o seu interessante esquema:

Sr. Dr. Joaquim Manso:—Um jornal francês que tenho estado a folhear aqui a uma sombra afável sugeriu-me esta idéa: podia fundar-se uma Associação de Escretores que «facilmente» resolveria ou ajudaria certos problemas «difíceis»...

E, vai, daqui, rabisquei uns vagos apontamentos que lhe envio. Se quiser, lance o pregão e mãos á obra, que terá muito quem o ajude... se me não iludo com este calor termal...

Eis o leve esboço:

Funda-se uma Associação dos Escretores (e de pintores, escultores, musicos, etc... se quiserem...).

Abrange todas as pessoas que tenham publicado: um livro, ou um poema, um artigo, um ensaio, etc., em qualquer jornal ou revista.

Defende e auxilia os seus associados;

Publica um Boletim semanal de literatura e critica, onde serão annunciadas todas as obras editadas por livreiros portugueses. (Para isto os editores enviarão ao Boletim um exemplar de cada obra publicada).

Tem uma tipografia onde serão compostos e impressos, ao preço do custo, todos os trabalhos dos seus associados.

Encarrega-se da distribuição dos livros dos seus associados.

Cada livro dos socios terá direito a dois anuncios gratuitos publicados em numeros seguidos do Boletim.

Tem uma pequena secção de venda de livros a fim de poder fornecer aos associados todas as obras, nacionais ou estrangeiras, com os descontos dos editores.

Tem a sede em Lisboa.

Cada associado paga a cota mensal (minima) de 2\$50.

Todos os anos será eleito o presidente da Associação e os restantes membros da Direcção.

O Director do Boletim será também eleito todos os anos.

Podem ser reeleitos.

As eleições fazem-se por voto, escrito, dos associados e dois meses antes do fim de cada ano. Até ao fim de outubro cada associado pode enviar á Direcção um simples verbete contendo os nomes das pessoas que propõe. Todos estes verbetes serão publicados no 1.º Boletim de novembro, a fim de cada votante poder controlar a eleição e reclamar quando haja qualquer lapso. As reclamações e emendas serão publicadas nos dois numeros seguintes, e no Boletim de 1 de dezembro serão publicados os nomes das novas direcções.

O director do Boletim tem absoluta independencia nas suas funções.

A direcção ou o director do Boletim pode, contudo, ser suspenso por votação geral que reuna a maioria absoluta dos associados.



Continua a sair, regularmente, a excelente obra do brilhante escritor Ferreira de Castro: «Pequenos Mundos, velhas civilizações».

O ultimo numero, que é, como os outros, um primor artistico, refere-se ás ilhas Baleares, sobretudo a Palma de Maiorca, cujas maravilhas o autor da «Selva» descreve em prosa de vibrante colorido, de belo requinte estilístico. Numerosos desenhos, fotografias, cromos, e gravuras a doirado, enriquecem este fascículo.

Dez minutos com



o dr. Luciano Ribeiro

O sr. dr. Luciano Ribeiro é um dos nossos mais devotados escritores da materia historica. Tem já alguns volumes interessantes de investigação, e outros prepara, um sobretudo que deve causar sensação.

Numa rapida, mas interessante entrevista, o sr. dr. Luciano Ribeiro falla do seu processo de trabalhar e das suas predilecções literarias.

Eis a nossa primeira pergunta:

—Como escreve?

—O silencio é mais propicio para o trabalho intellectual. Nada nos perturba ou distrai. Reunem-se mais facilmente as idéas, e tiram-se melhor as ilações. Quando os trabalhos são de investigação, preparam-se durante o dia nos arquivos, e depois, reunem-se tudo, ordena-se e produz-se o trabalho, que em geral leva bastante tempo a concluir.

—Que livros publicou?

—Tenho publicado livros de duas naturezas: os profissionais e os de investigação historica, como: «A capela de Diogo de Gouveia na Igreja de S. Pedro em Alenquer», «Alenquer—subsídios para a sua historia», «Gil Vicente e o Auto da Festa», etc.

—Que literatura prefere?

—A historica. É aquela que tem um fundo de substancia o qual não nos distrai e prende como, ao mesmo tempo, educa o nosso espirito.

«Habituei-me a ser estudante toda a vida, porque entendo estudante não é só aquele que frequenta uma escola, mas quem estuda. Estudar é sempre preciso. Parafraseando o filosofo, direi que quanto mais sei que sei, mais sei que não sei.

—Logo, estudante toda a vida!

—A literatura historica é pois aquella mais necessaria ao meu espirito. Quantas belas obras existem na lingua portuguesa neste sector da literatura! Quantas precisam ser estudadas! O nosso renascimento cheio de las, e de autores cujos nomes se devem escrever com todas as letras grandes:

Gil Vicente.—O espirito da idade media que se opõe ao avassalamento das liberdades da renascença: Camões.—O maior de todos, cuja obra se deve ler como se fôra o livro de horas da nossa Patria e tantos outros que os «Dez Minutos» me não permitem citar, até Herculano, o primeiro pilar da Historia nacional tratada em moldes modernos.

—Que livros vai publicar?

—Tenho em mão outro volume sobre Alenquer, tema que considero o «El Dorado», da Arqueologia Portuguesa, fonte inesgotavel de historia—tantas vezes épica—onde ao levar-se o visitante cultor da arqueologia se pode perguntar: o que quere ver? Um outro trabalho a quem me estou dedicando dia e noite, só lhe digo, se conseguir levar a bom termo toda a investigação, produzirá estou certo, uma grande revelação na nossa historia literaria.

E a fechar:

—Já tenho em meu poder elementos bastantes, sobretudo inéditos, para essa obra. O resto será revelado a seu tempo.

Tantos golpes, tantas agonias e tamanhas ruínas! Nem as arvores ficaram de pé. Os valentes expiraram e os covardes fugiram... Quem venceu? Ninguém, excepto a morte que serve todas as causas para punir todos os erros.

DR. JOAQUIM MANSO

Ouvindo uma Toccata de Prokoffief

Raquel Bastos, a cantora de todos conhecida e justamente consagrada pelo publico e pela critica de Portugal e do Brasil, já deu ao suplemento literario do «Diario de Lisboa» a sua colaboração artistica como desenhadora. Mas se o desenho parece ser, apenas, para Raquel Bastos, uma forma de fixar impressões visuais, sem intuitos de criação, a verdade é que o seu temperamento de artista não se manifesta só pelo canto nem se contenta com a interpretação musical. Tem o seu talento outra modalidade, quasi inédita ainda, quasi de todos desconhecida: a modalidade literaria. Raquel Bastos escreve de facto, e por necessidade intima de espirito. Porque exprime uma necessidade profunda, as prosas de Raquel Bastos, prosas poeticas, repassadas de lirismo, são prosas suas, originaes. Um livro a entrar no prelo confirmará, dentro em breve, esta afirmação, de que damos, desde já, uma prova nesta pagina solta, tão curiosa e sugestiva.

Ouve-se ao longe o tac-tac metalico das rodas do comboio. Na estação há um vai-vem de gente que se abraça, pessoas que se não podem arrancar dos braços umas das outras como se aquela partida as separasse para sempre. Eu parto só, mas também sinto que alguma coisa de mim fica presa á terra que vou deixar.

O comboio, chega. Um silvo muito agudo entra dentro de nós, e todos corremos para as carruagens. Para o compartimento que escolhi entra também um rapaz louro, de olhos azues aguados de laudades, e uma rapariga esquisita que me empurra para tomar lugar á janela. Lá fora agitam-se no ar dezenas de braços procurando em vão um copo para enfiar. Deixo a janela, e vou sentar-me do outro lado do banco. A rapariga esquisita senta-se diante de mim e dá umas gargalhadas que me aterrorizam, mas o rapaz que deve ser medico, segura-lhe os pulsos e consegue acalmá-la.

Quero fechar os olhos, isolar-me dentro de mim.

Tac-tac! tac-tac! tac-tac!

As passadas do comboio parecem-me agora mais distanciadas e também a sua respiração se torna mais ofegante. Tenho curiosidade de de ver! Levanto o store. Subimos uma montanha gigantesca, erigida de pincares cor de violeta: natureza nua que o céu está vestindo de lagrimas!

Continuamos a subir, e sempre rocham, e sempre chuva! Quero adormecer, mas quando vou quasi a ceder ao sono a louca dá uma risada e eu acordo em sobressalto.

O comboio acelerou agora a

marcha e parece querer atirar-se por um despenhadeiro. Ouve-se um choque violento de metais juntamente com um tilintar de vidros. Sobressaltada, espreito pela janela. O comboio serpenteia entre penhascos, numa descida vertiginosa em busca da floresta cuja voz já chegou aos meus ouvidos.

O medico tem um modo de olhar para mim que, sem eu querer, penso nos lagos que reflectem o azul do céu. Vou mesmo com ele dentro dum barco que desliza sobre as aguas como os cisnes nos lagos dos jardins. Ouço a voz das serenas e o murmuro das arvores que bordejam o lago azul. Oh! mas o sonho da louca é incompativel com o meu sonho: o casquinhar estridente do seu riso acordame de novo.

Entramos na floresta. Um braço enorme, ininterrupto, vem do fundo da selva, amortecendo as passadas metalicas do comboio. Braços de arvores fustigam os vidros das janelas. Está tão escuro no bosque que não sei se já anoteceu. O medico deitou a rapariga no banco e passeia ao longo do compartimento. Porque é que ele se não senta a meu lado? Começo a ter medo. Deve ser noite porque se acenderam as luzes moficas do «wagon». Agora é que vou dormir. A moça também adormeceu e o medico, afinal, sentou-se no outro extremo do meu banco. Um pouco mais sossegada, adormeco. Mas tenho sempre gravados nos ouvidos o tac-tac do comboio e as risadas da louca. De vez em quando, a inclinação do «wagon» quasi me atira sobre o estôfo do banco e acorda-me. Olho para o medico e dá-me idéa que os seus olhos já não são azues, mas pretos e brilhantes. Não posso dormir mais. Clareou, e ao longe, o disco vermelho do sol parece uma grande lampada suspensa do céu para nos iluminar.

O tac-tac do comboio é agora mais violento e tudo irrompe do solo com mais força.

Depressa! Depressa! Vamos para o sol!

Tac-tac! Tac-tac! Tac-tac!

A Terra é boa! A doida, eu e o medico estamos á janela. Que bons companheiros! Apertamos as mãos com força porque estamos banhados de luz!

—E' agora! E' agora!—grito—

Chegámos ao sol!

Tac-tac!

O mundo explodiu.

Tinha terminado a Toccata.

RAQUEL BASTOS

Um novo trabalho de Fontoura da Costa



O sr. comandante Fontoura da Costa, que é um brilhante investigador de assuntos de marinharia e das cousas portuguezas, dos remotos tempos da nossa epopeia, publicou agora um livro de grande interesse, em que nos dá noticia do primeiro rinoceronte, que aportou a Portugal, vindo da India. Para o tempo era um animal fabuloso. Veio o feio quadrupede para Lisboa, onde teve de travar um com-

bate com um elefante, onde levou a melhor. Assistiu D. Manuel e toda a corte.

O famoso animal embarcou numa nau, com destino á cidade eterna, a fim de ser entregue ao papa. Esteve em Marselha, onde foi muito visitado, contando-se, entre os curiosos, o rei de França. Aguentou o mar, e parece não ter enjoado. Uma tempestade, porém, fez sossobrar a embarcação no golfo de Genova.

O mais interessante é que, por um desenho enviado de Lisboa, o grande pintor Alberto Durer fez uma admiravel «gravado», com uma curiosa legenda, onde ele historia a acidentada existencia do rinoceronte, com inormações que lhe foram enviadas de Portugal.

O sr. comandante Fontoura da Costa, com beneditina paciencia, recolheu todos os elementos que se referem ao caso, não só respigando dos arquivos nacionaes, mas pedindo a correspondentes estrangeiros varios notas para a elaboração deste curioso assunto. O autor de «As Portas da India» deu-nos mais um excelente documento da sua brilhante e laboriosa actividade investigadora. Na edição reproduzem-se varios desenhos, entre eles, o famoso gravado de Durer.

COLORIDO

Tive, em pequeno, caixas pequenitas que distinguia entre os demais brinquedos. Continham lapis-de-côr.

De côr!

Arco-iris dos pomos e das chitas para reproduzir com os meus dedos no milagre dos meus lapis-de-côr

De côr!

Quiz construir fachadas e altares, cuidar jardins, fazer saltar balões, —no papel, com os meus lapis-de-Côr. (Nasceu assim um dos grandes pezares de vêr-me aquem das minhas ambições!)

Quebrados,—deitei fora os meus lapis-de-côr.

* * *

Pedi, após, pinceis e aguarelas: verdes, rosadas, roxas e castanhas na paleta das Côres. Mas já não desenhiei eu, para elas Cobri com tintas produções estranhas de outros desenhadores. Desencantado, aborreci-me cedo do passatempo servil em que empregava a CÔR. Tornou-se o meu despeito mais azedo e eu, tristemente menos infantil, mais tristemente subtil, senti a feia ingratidão da Côr para quem tanto A amava e não A conquistava.

Arremessei de mim e britei a meus pés aguarelas e «godets» sujos de azul ou carmin.

* * *

E foram estes solavancos maus na minh'alma de filho sem irmãos, de infante tão sózinho, —os treinos para o piso dos calhaus que a vida fez Mulheres, pelos chãos, no meu perfido caminho.

A Quatra delas estimei imenso! (Mais dev, aos meus lapis-de-Côr. Lhes dev, em garrida fantasia, sonhos garridos em que já não penso com altares, palacios, Alegria e até Amor!)

Mas, mesmo nas Quatro Eleitas, o que eu cuidava espasmo—eram maleitas!—Quebraram, como os meus lapis-de-côr.

* * *

E os outros passageiros devaneios foram zarcão em desenhos alheios. Mediocre aguarela—meu tormento!

O mundo é todo cinzento!

RODRIGO DE MELLO

(Do livro «Círios», em preparação).

O tempo que fugiu ...

Da vida tenho saudades, do tempo que já passou. Esse passa, foge sempre e qu'eu saiba: —não mais voltou...

Tenho saudades da infancia dos tempos de pequenino; recordeo o Natal e os brinde do Deus Menino, e tudo fugiu... tudo acabou!

E o tempo foge a correr —trazendo-me recordações, os anos passam, esses vöam e com eles—minhas ilusões.

Da vida tenho saudades do tempo que já passou; esse foge, foge sempre e até hoje, não mais voltou!...

MARIO MOTA

Para «Dez poemas de tristeza» a entrar nos prelos.

OS LIVROS DA SEMANA

Preguntava há dias Antonio Sergio, na *Seara Nova*, se seria possível que os escritores brasileiros senhores de uma língua própria viessem a ser mais originais do que são hoje, obrigados a exprimir-se em português. Isto é, Antonio Sergio perguntava mais claramente: seriam os escritores brasileiros *mais originais* caso viessem a desagregar da nossa a sua língua? Atrevo-me a observar que a pergunta é imprecisa. A uma tal pergunta só uma resposta me parece sensata. Evidentemente que um escritor não pode tornar-se mais ou menos original a seu talento. O escritor brasileiro que se lembrasse de criar para si uma língua não seria, por isso, como escritor, *mais original*. O inventor do esperanto não é um escritor original — é um inventor de uma língua. Mas se a pergunta se formular de outra maneira, talvez a resposta seja diferente. Quando devermos considerar mais originais os escritores brasileiros, hoje, que se exprimem em português, ou amanhã, se chegarem a exprimir-se em brasileiro? Então, creio não poder hesitar-se. Deve responder-se: quando os escritores brasileiros se exprimem numa língua inteiramente desagregada da nossa serão, naturalmente, mais originais do que hoje. Isto, claro, considerando a originalidade do ponto de vista nacional. Não se pode confundir um escritor russo com um escritor francês, embora se possa dizer que Tolstói é mais original, enquanto russo, que Tourgueniev. A literatura brasileira, desde que expressão em *língua brasileira*, terá evidentemente de ser considerada mais original do que hoje, modalidade da literatura portuguesa. Possuir língua própria é sintoma de individualidade. Não ha nenhuma nação fortemente individualizada, que não tenha a sua língua. Por uma razão simples, de resto. Uma língua — quem o não saberá? — não é um mecanismo artificial. Uma língua é um organismo vivo. «O fundo de uma língua nada tem de convencional», escreve Bertrand Russel na sua *Análise do Espírito*, nem debaixo do ponto de vista do indivíduo nem debaixo do ponto de vista da comunidade. Uma criança que aprende a falar aprende hábitos e associações tão filhos do meio como o hábito em virtude do qual nós nos surpreendemos a ouvir um cão ladrar e um galo cantar. A comunidade que fala uma língua aprendeu-a e modificou-a segundo processos que nada têm de intencional...», etc. Quere dizer: não será o facto de o Brasil vir a ter amanhã uma língua própria que lhe dará originalidade; o facto de o Brasil vir a ter originalidade é que lhe virá a dar uma língua própria. Melhor: não será a desagregação da língua brasileira da língua portuguesa que dará mais originalidade ao escritor de além-Atlântico; será o facto de o escritor brasileiro se sentir mais original que o determinará a exprimir-se numa língua própria. Parece-me o caso um tanto diferente.

Convém frisar: o esforço consciente para um povo se dar a si mesmo uma língua releva de uma concepção artificial das linguas. Se ha brasileiros capazes de se entregarem a uma tão inverosímil tarefa, devemos lastimá-los. Fraquíssima originalidade, com efeito, a daquele que procura «usar vocabulário e sintaxe diversos dos que são empregados por toda a gente», como diz Antonio Sergio. Mas pergunta-se: se amanhã toda a gente usasse no Brasil vocabulário e sintaxe a que se pudesse chamar brasileiros não seria de lamentar haver escritores empenhados em *usar vocabulário e sintaxe diversos dos empregados por toda a gente*? Ora dar-se-ia este caso se os escritores brasileiros teimassem, então, em usar vocabulário e sintaxe portugueses.

E eis-nos em frente do problema capital: a língua escrita e a língua falada. Onde nos levaria o divorcio de pessoas e bens entre a língua escrita e a língua falada? E' de toda evidência que a língua escrita não deve abdicar da sua estrutura racional. A gramática é um amálgama de experiência. Renunciá-se á gramática é voltar ao princípio da formação da língua. Mas não é o povo que faz as linguas? Que nos ensina a história das formações dialetais? Pois não é o português uma deformação do latim falado? Continuará a nossa língua escrita a ser o latim? Quais são realmente os clássicos da literatura portuguesa: Camões, Vieira, Bernardes ou Vergílio, Cicero, Ovídio? Porque não de ser através dos seculos Eça ou Herculano os clássicos da literatura brasileira? Pois não é uma língua um organismo em evolução constante? Não serão, dentro de seculos, Herculano ou Eça os Vergílios ou os Cicerões da tradição literaria brasileira? Não vejo que as linguas tendam a uniformizar-se: pois não são as múltiplas linguas europeias procedentes ou do latim ou do ramo indo-europeu? Que vemos nós na Europa: uma língua unica?

Sim: compreendo que a ciencia e a filosofia pudessem beneficiar com uma língua unica. Mas não é disso que se trata quando se fala de um povo como o brasileiro e da expressão de uma psicologia como é a literatura. Então não se pode desejar que os homens falem — ou, pelo menos, escrevam — a mesma lin-

gua nas cinco parte do mundo. Além de ser humanamente absurdo, seria esteticamente monótono. Que a razão procure exprimir-se quasi algebricamente, nada mais legitimo. Mas a razão lida com generalidades, abstracções, essencialidades. A literatura, pelo contrario, move-se no particular, no concreto, no individual. E se a mais alta literatura é aquela que sabe voar do particular ao geral, do concreto ao abstracto, do accidental ao essencial, o certo é, em seus fundamentos, não poder deixar de ser aquilo que é: expressão do particular, do concreto, do accidental. Expressão de uma individualidade viva. Ora como esta individualidade viva, esta pessoa, não pode contactar consigo mesma, naquilo em que ela é realmente pessoal, particular, accidental — humana — senão através da palavra, afigura-se-me que uma língua com aquelas características de abstracção, generalização e essencialidade seria inapta a exprimir a pessoa humana. Mas não será assim? Estará errado tudo quanto se tem dito até hoje sobre a arte em geral e a literatura em particular?

Ha, sem duvida, diferenças profundas entre a língua escrita e a língua falada. Atrevo-me a observar que todas as diferenças se estribam essencialmente nesta: a língua escrita é uma língua preparada para extrair todo o rendimento racional da língua falada. Na língua escrita ha a marca do hábito, do menor esforço, da simplificação utilitaria. Daí a língua escrita parecer mais nobre e mais clara que a falada. Nela tudo está preparado para que os homens se entendam no plano intelectual. Todavia, a materia é, em ambas, a mesma. Quando a língua escrita esquece excessivamente a falada deixa de ser expressiva. Como o bailarino, a língua para se erguer no espaço precisa de tocar com os pés no chão. Se assim não fizer, o bailarino não é bailarino, é um boneco suspenso no ar por cordões: um mecanismo.

Eis por que um escritor não pode exprimir-se profundamente senão na sua propria língua. Por mais alto que venha a ser o seu estilo, se não posar os pés no chão da sua língua, será incapaz de exprimir aqueles imponderáveis humanos que é fatal os escritores exprimirem. Camões é, com efeito, um poeta de expressão altamente erudita. Mas haja quem lhe traduza os poemas conservando-lhe as virtualidades poeticas. A poesia, expressão pro-

funda dos particularismos da alma humana, é intraduzível, já o dizia Shelley. A poesia é exactamente a cristalização verbal do que no homem ha de mais intimo, de mais pessoal.

Para que uma literatura seja, pois, a expressão de alguma coisa de profundamente vivo — de humanamente vivo — afigura-se-me indispensavel que o escritor se sirva de uma *língua nacional*. Língua essa nem só falada nem só escrita — o caldeamento perfeito das duas: uma superior expressão da alma nacional.

* * *

Ficam aí algumas interrogações. Também algumas afirmações aí ficam. Afigura-se-me perigoso confundir arte e ciencia.

Catullo da Paixão Cearense é um poeta brasileiro implantado naquilo a que poderemos chamar a realidade popular brasileira. Aqui está um poeta que se exprime em língua falada. E' um poeta de expressão oral. Não ver nisso uma deficiência do seu estro é ser-se cego. Não querer, contudo, ver nisso a denuncia de um particularismo poetico em formação é ser-se malevoloso. Catullo só sabe exprimir-se com originalidade quando se exprime nessa sua língua a que poderemos chamar dialecto brasileiro, ou giria, ou o que quiserem. Quando Catullo se exprime na língua dos escritores portugueses aparece-nos versificador sem personalidade. Ouça-se o poeta de expressão tradicional:

Não voltes esta folha humilde, eu te peço.
Reconheço-te a voz, eu te conheço,
sei que não me iludi.

Volve os olhos á minha desventura,
que eu, poeta, em meu berço de verdura
mais de uma vez te vi.

Atente-se agora no poeta de expressão popular — de expressão oral:

Mas agora uma pergunta
eu lhe peço, com tristeza,
e váncz pru má não tome:
que coisa boa era o mundo,
onde a gente se consome,
este mundo de fartura
onde se morre de fome,
se os home fosse os cavalo,
e os cavalo fosse os home!

ou ainda:

Manhã na praia

A' memoria de Fernando Pessoa

Anda uma bola no ar!
Um grupo de jovens atira a bola ao ar!
Bandos de crianças (o eterno encanto da vida!)
Cambalhoteiam, rebolam, espojam-se na areia
Que o mar, além, parece desprezar...

O sol, encoberto, desperta agora,
Estremunhado, mal humorado e fraco,
Aquecendo levemente os corpos e as coisas
Que vivem e que estão esta manhã na praia.

O som duma sereia de bordo, longinquo,
Faz-me espriar a vista pelo mar imenso!
Mas a neblina, densa e persistente,
Deixa-me adivinhar apenas um barco
Distante que, como tantos outros,
Segue o seu destino!

Lembro-me que tambem tenho um destino...

Volto á praia.
Olho agora as barracas:
Policromas, irregulares, feias!
Que recebem no seu bojo, inconscientes,
Amontoadas familias, desconhecidas, de burgueses.

Passam pobres em parada,
Lamuriando, a medo, um mísero tostão!

E, a meu lado, um animal humano:
Baixo, nédio, ostentando aneis bons e de gosto mau,
Rumina, indiferente, uma banana vulgar!

Deixo de sonhar!
(De que vale a poesia?!...)
Na idéa luminosa
De ruminar, tambem, uma banana vulgar...

Espinho, agosto, 37.

JOÃO PATRICIO

Tinha um nariz de tumbé,
uns óio de curutú,
fucinho de jacaré
e pescoço de aribú!

Na primeira poesia, metro, inspiração, tema, tudo é impessoal. Tanto podia ser de Catullo como de João de Deus ou de Casimiro de Abreu. Podia ser de qualquer poeta português ou brasileiro romantico ou ultra-romantico. Na segunda, dir-se-á que interveio outro poeta. Ha um ritmo e uma métrica e uma inspiração que só podiam ser de Catullo ou de um poeta inteiramente mergulhado na realidade popular brasileira. E a expressão é ironica, sendo sentimental, é caricatural, sendo de lirismo delicado, é arrojada quando ás metáforas sem ser coisa diferente da poesia de um homem que não procura originalidade, porque a não sabe mesmo procurar.

Não ha duvida: estamos em frente de um poeta que não é português E' português? Sim: será o que quiserem menos português. Nem a sua inspiração nem a sua língua são de um português. Catullo é realmente um poeta brasileiro de expressão popular: a sua língua, o dialecto em que se exprime, é que lhe dá a razão das suas audacias, é que lhe dá a sua *originalidade*. Os poemas de Catullo da Paixão Cearense estão para a poesia brasileira que se começa a afirmar como as nossas canções paralelisticas para a poesia portuguesa. Entre o galego e o português no tempo em que esta «alva» se compôs Levad', amigo, que dormides as manhãs frias; todalas avedo mundo d'amor diziam;
leda m'and'eu.

Levad', amigo, que dormide-las frias manhãs; todalas aves do mundo d'amor cantavam;
leda m'and'eu.

não havia mais pronunciadas diferenças que as que existem hoje entre o dialecto em que se exprime Catullo e aquele em que se exprimem os poetas portugueses.

Há, porém, quem no Brasil saiba aproveitar o fundo da alma popular brasileira traduzida na língua do caboclo, do mestiço, do negro, da massa popular brasileira, para com ela fazer uma literatura de expresso mais erudita. Há, efectivamente, hoje poetas brasileiros que conservando o mesmo espirito de Catullo foram mais longe que ele. Ficaram menos brasileiros? Talvez. Por ora, no entanto, não se pode dizer que não tenham procedido bem. A minha de uma verdadeira língua brasileira escrita — a tal língua estruturada para melhor ser compreendida pela intelligencia dos homens cultos — um Jorge de Lima, ou um Manuel Bandeira, ou um Ribeiro Couto puseram-se a dar sentido ás deformações tão significativas do falar popular. Sem lhe adulterarem as virtualidades deram-lhe um sentido mais amplo, mais erudito, mais intellectual. Ouçamos Manuel Bandeira:

Vinha do Pará.
Chamava Siké.
Quatro anos. Escurinha. O riso gutural da
raça.

Piá branca nenhuma corria mais do que ela.

Tinha uma cicatriz no meio da testa:
—Que foi isto Siké?

Com voz de detrás da garganta a boquinha
tuira:

—Minha mãe (a madrastra) estava costurando
Disse vai ver se tem fogo

Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo
Ai ela se levantou e esfregou com minha cabeça
na brasa

Riu riu riu...
Uêrêquitáua

O ventilador era a coisa que roda.
Quando se machucava dizia Ai Zisul!

E' poesia de um português? Não. E' poesia de um brasileiro. Mas já não é poesia de um brasileiro popular; há aqui intellectualização do fundo popular brasileiro — da propria língua. Quere dizer: os escritores brasileiros estão numa espécie de expectativa. Debruçam-se sobre a sua propria alma ávidos de a ouvir falar na língua que melhor exprima aquilo que eles se *sentem sentir*. Eis pelo que não podemos considerar inteiramente brasileira a poesia de um Manuel Bandeira ou de um Jorge de Lima. Por detrás dela estão, inclusive, Antonio Nobre e Cesário Verde. Talvez a de Catullo o seja, mais, mas, por isso mesmo, com uma expressão mais precária. Falta a Catullo — a sua linguagem — a depuração do discurso ou a sua racionalização. Catullo é mais um poeta regional que um poeta nacional do Brasil. Porém, isso em *Meu Brasil* (Anuario do Brasil) — em certos poemas dessa obra — ha mais originalidade que em todo o poema *Um Bohemio no Céu* (A Noite editora). Não que a personalidade de Catullo se não queira revelar nesta ultima obra — é ela que ali está, com a sua ingenuidade afoita, a sua bonomia audaciosa — falta-lhe, porém, traduzir-se poeticamente com a originalidade com que se traduz nos poemas sertanejos.

JOÃO GASPAR SIMÕES